THOMAZ RIBEIRO

VESPERAS

POESIAS DISPERSAS

«Et jam summa procul villarum culmina fumant,
Majoresque cadunt altis de montibus umbrae.»

Ecloga 1.ª — VIRGILIO.

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
Ernesto Chardron, editor
PORTO E BRAGA

1880

Poetry (Portuguese).

POESIAS

THOMAZ RIBEIRO Ferreira.

VESPERAS

POESIAS DISPERSAS

> *«Et jam summa procul villarum culmina fumant,*
> *Majoresque cadunt altis de montibus umbrae.»*
> Ecloga 1.ª — VIRGILIO.

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
Ernesto Chardron, editor
PORTO E BRAGA

1880

AO EMINENTE, AO SABIO ESCRIPTOR

Camillo Castello Branco

TESTEMUNHO DE SINCERA ADMIRAÇÃO
E CONSTANTE AMISADE

G. D. C.

O auctor.

Kelber Oct 17/14 $.70

NEW YORK PUBLIC LIBRARY

MEU PRESADO CAMILLO.

FFEREÇO-TE o meu livro de «Vesperas». São melancolicas e saudosas, de certo, as horas do entardecer, mas são formosissimas; como taes as consagrou a natureza aos grandes affectos, e Deus, aos amores celestiaes. Os anjos do Senhor, no dizer biblico, desciam, á hora de vesperas, para entre os mortaes. É o momento da approximação do céo á terra, o que humaniza a divindade e nos divinisa o sentimento.

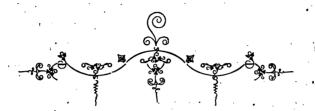
A hora de vesperas é o outono do dia. O outono é a minha estação dilecta.

A nós, bom amigo, vae-se-nos entardecendo a vida; estamos na quadra em que ha mais saudades que esperanças; ainda em nossos labios ha sorrisos, mas não ha risos; somos capazes de grandes affectos, mas envergonhâmo'-nos das grandes paixões; não temos necessidade de dormir, mas sentimos prazer em descançar. Tambem para nós é hora de vesperas.

Queres tu repousar, um momento, dos teus estudos e labores, e que eu te leia estes versos, que por aqui trazia esquecidos e truncados? Ha n'elles muita tristeza, mas ainda alguns são alegres, como os raios d'aquella estrella que já começa de entreluzir no céo.

Assentemo'-nos, querido amigo e mestre; d'aqui a pouco voltará cada qual ao seu trabalho; e quando, por noite velha, sentindo-nos tomar do somno algido, tiverem passado «completas», adormeceremos.

Lisboa, 15 de setembro de 1879.

Thomaz Ribeiro.

VESPERAS

Está correndo a campa, horas são já de vesperas;
quão longe e áquem ficaes, ó limpidas matinas!
avisinha-se a noite, obumbra-se o crepusculo,
começam em preludio as musicas divinas
do universal concerto. Entremos tambem nós.
Não é para cantar no grande côro unisono,
para resar, baixinho, a letra d'uns cantares,
que ha muito o coração dictou, ao som de musicas
que andavam pela terra e andavam pelos mares
a provocar-me o estro, a acompanhar-me a voz.

Velhos cantares são; gravaram-se uns em lapide
que vão gastando os pés dos crentes, n'algum templo;
outros rasga-os a mão que os escondia trémula!
(poetas, se me ouvis, aproveitae do exemplo!)
alguns deu-m'os a patria e o immenso amor dos meus.
Andei pelo oriente o eterno a vêr e o ephemero;
cantei, chorei talvez! O lucto era completo!..
Vamos relêr baixinho os vespertinos canticos,
onde ha de novo, só, — de novo ou dê absoleto, —
que a patria canto e o amor, e que ainda creio em Deus.

Lisboa, 15 de setembro de 1879.

AVE, REGINA

Vem, Rainha augusta e candida,
vem, santelmo de bonança,
vem, penhor da nossa esp'rança,
astro bom dos tôrvos céos!

Ouve o « hossana » que entre jubilos
te sauda em toda a parte!
vão de novo coroar-te,
nobre Mãe, os filhos teus.

— « Ave » — o teu reino canta,
célica peregrina!
hão-de adorar-te sancta,
Mãe, que já és divina!

Pobre e rico, o grande, o invalido
se te vê, gentil senhora,
julga vêr o alvor da aurora
no sorriso que lhes dás.

Carranqueia o inverno tumido,
céo e mar são negro abysmo,
ruge e arqueja o cataclysmo...
chegas tu, e ha luz e ha paz!

— «Ave» — o teu reino canta,
célica peregrina!
hão-de adorar-te sancta,
Mãe, que já és divina!

E que nome tem symbolico!
pobres mães, que a dôr consome,
proferi-lhe o augusto nome
de rainha e sancta e mãe!

proferi! é etherea musica,
e ninguem, certo, adivinha,
se invocastes a Rainha
ou se a Mãe de Deus, ninguem!

— « Ave » — o teu reino canta,
célica peregrina!
hão-de adorar-te sancta,
Mãe, que já és divina!

Queira Deus fazer um cantico
dos lamentos e clamores
que ella muda em riso e amores
e cantarem-lh'o no céo!

Queira Deus fazer das lagrimas,
que ella enxuga aos indigentes,
c'rôa d'astros refulgentes
e cingir-lh'a! Oh! queira Deus!

— « Salve »! — o teu reino canta,
célica peregrina!
hão-de adorar-te sancta,
Mãe, que já és divina!

O PRIMEIRO DE DEZEMBRO

Deus faz as leis do mundo e o povo as suas.
Um povo disse entre o fragor da lide:
— Somos livres e o rei que nos preside! —
e ouviu-se um retinir de espadas nuas,

e fez-se uma nação. O throno e o templo
deram a sagração á heroica empreza;
de luctas, de prodigios, de nobreza,
oito seculos bastam para exemplo.

Quem ousa agora, com traidora sanha,
disputar-nos, a nós, a avita herança?
quem, bandeira de paz hasteada em lança,
levanta no horisonte?.. a Hespanha?.. A Hespanha?!..

E póde a nobre patria de Pelayo
vir a patria insultar de Viriato?
pois não sabe que ao impio desacato
póde fulgir no Herminio o mesmo raio

que fez de Roma o assombro e a lusa gloria?
Deu-nos o mesmo berço egual nobreza;
em força, em genio, em crenças e em firmeza,
não cede a historia luza á hespana historia.

Altivos hespanhoes, raça de bravos,
honrae vossa bandeira, honrando a estranha,
não é, não póde ser nobre façanha
tentar fazer de irmãos horda de escravos.

Junctos nos proclamou a mesma fama,
junctos vencemos em gloriosas lides,
e tentaes insultar, netos dos Cids,
os netos de Cabral, de Castro e Gama!

Conquistámos um reino, e escravos forros
compramos os direitos de cidade,
leis, patria, independencia, liberdade,
em moeda de heroes: em sangue a jorros.

Depois, quando, nos ocios mais jocundos,
vieis correr a vida entre folgares,
por sobre os vagalhões de ignotos mares
iamos nós buscando ignotos mundos.

Obreiros do progresso, é nossa a frente
na Odysséa immortal que o mundo admira;
pregôa-o de Camões a egregia lyra,
e ousaes chamar pequeno um reino ingente!?

Sabei que os netos dos heroes de Ourique
respondiam ás salvas de Lisboa,
com seus luzos canhões, em Diu, em Gôa,
no Brazil, em Ormuz, em Moçambique,

em Arzilla, em Macau risonho e ameno,
em Timor, em Melinde; e mesmo agora
vae do rôxo occidente á rosea aurora
este reino que ousaes chamar pequeno.

Pequeno! pequeno!.. Um dia,
(vem já de longe esta sanha)
olhou para nós a Hespanha
e estendendo-nos a mão
disse: — Como sois pequenos!
vinde, irmãos, vinde ser nossos
e ámanhã sereis colossos. —
— Não! — disse uma só voz: — não! —

E este *não,* tremendo e unanime,
vibrou pelas malhas duras
das luzentes armaduras
das bravas hostes de Aviz,
e repita-o Nuno Alvares,
c'roado de luz ignota,
e os canhões de Aljubarrota
e a campa de Egas Moniz,

e Valverde e Montes Claros,
e Val-de-Vez e Montijo,
até o proprio inimigo
ao fugir d'esta nação,
paço, templo, albergue e montes
mandavam na voz da gloria,
para o porvir, para a historia,
aquelle tremendo *não!*

Depois... Meu Deus! sinto lagrimas!
são de vergonha e saudade!
quanta nobre mocidade
vejo finar-se além-mar!
O rei moço e a moça gente,
sangue de peitos robustos
regando areaes adustos!
e aqui... ninguem a reinar!

A velhice fria e pávida,
sombra apenas, mytho, espectro,
deixando caír o sceptro
da inerte, gelida mão.
Era monção de traidores,
faz-se a venda, vem a corda,
e nem uma voz acorda
para bradar: — Inda não! —

Agora mira-te, povo,
no espelho dos desenganos;
a historia dos sessenta annos
abre-se a teus olhos, vê!..
Não tem mãe quem não tem patria,
nem braços de irmão, de amigo,
nem lar, nem pão, nem abrigo,
nem Deus, nem amor, nem fé!

Corra-se o crepe dos lutos
por sobre essa tumba ingente,
troque-se o nome ao valente
pela inscripção: — Jaz aqui... —
Mude-se a c'rôa em perpetuas,
ceda a luz do sol aos cyrios,
a Iliada dos martyrios,
pequenos, começa alli...

nesse leito, que é sepulchro,
nessa existencia, que é morte,
nesse pélago sem norte,
nesse somno-escravidão;
nessa mágoa, que é silencio,
nessa agonia-marasmo,
nessa esperança, que é pasmo,
nessa paz, que é podridão.

....

Mas passa a noite gélida,
a longa noite, e a aurora
vem rubida, não chora,
anciada, sim, parece;
tal como a virgem próvida
que envia, apenas se ergue,
ao desvalido albergue,
olhar, conforto e prece,

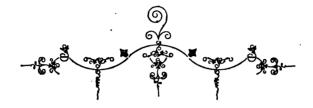
do matinal crepusculo
da nova liberdade,
divina á claridade
raios de amor envia.
Acorda, ergue-se o Lazaro,
que ha tanto alli repousa,
e sob a propria lousa
esmaga a tyrannia!

Caloroso o amor da patria
vida injecta em cada membro,
e o primeiro de Dezembro
é da nossa honra o fanal.
Viva a patria! a independencia!
o rei nosso! a liberdade!
Povo, grandes, mocidade!
um brado só: — Portugal! —

Se alguma vez mais, a Hespanha,
vos chamar pequenos, pobres,
dizei-lhe: — Grandes e nobres!
referem nossos avós
que do extenso reino iberico,
de Barcelona a Lisboa,
já foi vosso o sceptro e a c'rôa;
e que fizestes de nós?

Que feito foi das searas,
d'este vergel do occidente?
das frotas do nosso oriente?
sessenta annos a reinar,
de tantas nobres conquistas
que fizeste, Hespanha?.. Exulta!
mar deserto e terra inculta!
este sólo!.. o nosso mar!!..

Que nos promettes? venturas?
deixaste tanta orfandade!
liberdade? liberdade!..
e inda as masmorras dão ais!
riqueza? o que nós perdemos!
fausto?.. poderio?.. gloria?..
Porque não rasgas a historia?..
Não mais, Hespanha, não mais!

Co'a mão direita no peito,
como em vaso de sacrario,
n'este fausto anniversario
digamos bem alto: — Não!
Deus dê venturas á Hespanha,
mas se houver sangue e batalha
ser-nos-ha signa ou mortalha
de Ourique o egregio pendão! —

O AMANHECER

AOS PROTECTORES DAS CRECHES

—Pobres! —Quem chama?—A Providencia.—Agora?..
Céos! que acontece?.. —Oh socegae: são calmas
no mar as ondas, na cidade as almas;
porém, meus filhos, vae rompendo a aurora.

A estrella d'alva madrugou, e os passaros
gorgeiam já, os arrebóes lá vem;
respira, arqueja a chaminé da fabrica;
pobres, erguei-vos, madrugae tambem.

Já vos convida o matinal concerto,
ó mães e paes, ide lidar! commigo
deixae os filhos, eu serei o abrigo
d'estes obreiros de ámanhã, que é perto;

d'este embrião, cujo vagido é musica,
d'esta innocencia que enlevou Jesus,
d'estas cabeças, cuja coma é auréola,
d'esta esperança que se abysma em luz.

Eu sou a mãe dos vossos filhos, ide;
vestal, eu guardo o sacro-santo lume,
sou fofo arminho da avesinha implume,
copado olmeiro a que se abraça a vide;

ubero seio de vitaes anhelitos,
fonte de vida em perennal frescor,
colmeia accesa onde volita em fremitos
o louro enxame do futuro em flor.

Ide sem medo, a Providencia os vela;
pensando n'elles, redobrae d'alentos.
Vinde buscal-os, corações sedentos,
quando fulgir a vespertina estrella.

Então, ó paes, tomae nos braços validos,
erguei, mostrae o vosso filho aos céos;
então, ó mães, deixae correr as lagrimas,
celeste orvalho aos roseiraes de Deus! —

— E vós quem sois? — Pois nem sequer assoma
á vossa idéa quem serei? Convenho:
julgaes-me extranha, porque um nome extranho
me foram dar e de extrangeiro idioma.

Eu sou d'aqui, sou vossa filha, e ufano-me
da minha patria, onde, espontanea flor,
brotei, cresci, fructifiquei, dei, prodiga,
a todos tudo, e me senti maior.

O meu sendal anda embebido em pranto;
visito as salas e no hospicio moro;
ora me acérco da viuvez e choro,
ora me abeiro d'um bercinho e canto.

Modesta sou, mas a Rainha ampara-me;
plebeia ou nobre, é meu vassallo El-Rei;
mendiga, offerto a plenas mãos, ó miseros,
ouro sem conto de milhões que achei! —

Calou-se, e emquanto no anciar d'ess'hora
das fundas trevas emergia o mundo,
via-se em aureo, transparente fundo,
surgir do oriente rutilando a aurora.

Houve um momento de silencio extatico!
Dois infinitos de impolluto alvor
se contemplavam com fraterno jubilo,
Deus nas alturas, sobre a terra o amor.

Lisboa, Novembro de 1877.

A VELHA

Bem sei, já corre mundo a historia d'esta festa;
disse-a a imprensa e a lyra, e a mim nada me resta
de novo que dizer. É caso de pasmar
não se ter pae nem mãe, nem tecto onde habitar?
A gente vem ao mundo, apoz... pertence ao mundo,
e o mundo é de quem é. Mysterio escuro e fundo
envolve o que será. A morte encontra um pae;
fere, prostra-o sem dó; tropeça o filho, cae
sobre um cadaver frio e beija a mão gelada
que lhe era amparo e encosto, e emfim não resta nada.
A pallida creança aprende o que é morrer.
Cara a lição lhe foi! mas sabe. É bom saber.

Dizem que da desgraça os próvidos preceitos
destina o Senhor Deus sómente aos seus eleitos.
Bemdito o que padece!

A vós, que me escutaes,
não quero eu perguntar se acaso vossos paes
inda no mundo estão; fôra descaridade!
sabeis, ou sabereis, segredos da orfandade;
e a bôca ha-de ser muda, e as mãos haveis de erguer,
e os olhos heis de abrir, abrir, sem nada ver!
sem que do céo a luz lhes preste os seus matizes;
sem pranto! — a grande dôr dos grandes infelizes.
E quando se é creança e pobre! ficar só!
flor que da terra vem, terra que se faz pó
sem orvalho do céo! ser-lhe o enxoval mortalha!..
e o abrazador soão, como elle a esfolha e espalha!
Ainda o que tem lar sabe dizer: — É meu; —
porém, ó Deus! o pobre!?.. encontra a rua e o céo;
a rua, o rio negro, o esgoto da miseria,
a catadupa humana; e o céo a esperança etherea
que lhe diz: — Surge e vem! aqui verás teu pae! —
E as azas?!.. A creança ergue-se a custo... e cae.

Annos depois ao templo onde a justiça impera
romeiro alvo e gentil chega, olha em torno e espera.
— Que vens pedir aqui, pallido cherubim?
— Nada; venho-me dar, se alguem me quer a mim.
Aqui mora a Justiça, a mãe dos engeitados,
força que ampara o fraco e vinga os aggravados.

Contra a má sorte vem pedir amparo e amor
o filho da desgraça á filha do Senhor.
Naufrago desde o berço, achei agora um porto.
— Não tens ninguem?
— Ninguem.
— Teu pae?
— Ha muito é morto.
— Terás irmãos?
— Não sei se os tenho ou não!
— Ninguem!
— Ninguem! N'este momento é morta minha mãe. —

«Minha mãe»! ouvís, ouvistes
essa palavra sonora,
que accende alvores de aurora
dentro em nossos corações?
que alegra as horas mais tristes,
e traz longinqua fragrancia
da nossa florída infancia
que preces tinha e canções?

«Mãe»! hymno que sobe aos ares
por entre os cantos das aves,
psalmo que enche as amplas naves
dos templos da terra e céos,

puro incenso dos altáres
dos nossos peitos enfermos,
brando sol que inflora os ermos,
sancta voz que falla em Deus!

Sabeis quem era a mãe d'esse miserrimo,
essa que, moribunda, lhe ensinara
que aos orfãos a Justiça adopta e ampara?
era uma velha! era uma velha, ouvís?
doente, pallida, enrugada e trémula,
co'o seu cabello branco em desalinho!
mas transluzia-lhe o intimo carinho
pelas ruinas das feições senís.

Era a abnegação! a serva próvida,
a quem dissera um dia um moribundo:
— Olha por elle! — e em chôro o mais profundo
a pobre respondêra: — Descançae! —
Depois... queria andar e arrastava-se,
tinha os cabellos brancos como a neve...
e erguia-se alta noite e ia, de leve,
a creança cobrir, se ouvia um: — ai —!

Ia de novo apoz deitar-se gélida,
dormia pouco, ante-manhã se erguia,
e lidava e cantava inteiro o dia,
achando seiba nova em novo amor.

E dizia a sorrir, louvando o Altissimo:
— Deus, olha-me esta flor! Filho querido!
sem elle se eu não tinha já morrido!
e assim, que força eu tenho e que vigor! —

Se acaso o via triste, ella dizia-lhe:
— Vamos brincar, faz bem! oh! se eu podera...
já, não, mas em chegando a primavera,
havemos de ir ao campo e alli folgar! —
E fingia de velha, e elle, entre jubilos,
saltava-lhe ao pescoço; ella cahia,
porque mais sustentar-se não podia,
fingindo que cahia, por brincar.

Mas um dia cahiu á beira-tumulo;
a creança chorou, perdendo a falla!
e ella disse, ao entrar na humida valla:
— Filho, não chores, mas não brinques mais.
Chega o momento da orfandade, ai misero!
conta á justiça o teu fatal destino:
dize-lhe como ės pobre e pequenino,
que me perdeste e que não tinhas paes. —

Finou-se a velha!.. Vós, moças e angelicas,
rides ás vezes da provecta edade...
sem mal-querer, porém, sem caridade
para a velhice... e para vós tambem!

Sim, porque não sabeis que a vida é ephemera,
sim, porque não pensaes que é velha a historia,
velhas — religião, nobreza e gloria,
a patria, as tradições... e a vossa mãe!

....

Senhoras, perdoae! havia-me esquecido
que foi, por vós, acceito o encargo tão piedoso
que a pobre velha fez do filho estremecido,
e que vos vi dizer ao orfão desditoso:

— Vem para nós! sê nosso! — (Oh! divinal cubiça!)
e Deus via passar o filho da orfandade,
do seio da finada aos braços da justiça,
dos braços da justiça ás mãos da caridade!

Senhoras, perdoae! não ri de quem padece
quem tem a abnegação dos maximos amores.
Ricos, é Deus que pede e o pobre que agradece!
Poetas, vossa lyra engrinaldae de flores.

Dizei do coração, dizei com labios francos:
—Honra á pobreza, á dôr, aos velhos, á orfandade!
honra á dedicação! honra aos cabellos brancos!
respeitos á justiça, e gloria á caridade!

LUIZA

Venho trazer-te, Luiza,
régia flor do florio Liz,
tributo que não desdiz
do preito que symbolisa.

Vènho-te aqui offertar
com sentimento, o mais grato,
um pobre livro, um retrato,
e um leque do Malabar.

No livro, uns «sons», brando harpejo
do tempo em que tinha lyra,
«sons que passam», como expira
a esp'rança, a crença, o desejo.

O retrato é sombra apenas,
não vê, não ouve, não ri,
mas póde olhar para ti
nas horas das tuas penas,

e recorda-te que alguem,
longe, talvez esquecido,
póde escutar-te um gemido
e sentir penas tambem.

O leque oriental decerto
é só devido ás formosas,
que lembram do oriente as rosas
e as palmeiras do deserto.

Rosas dos acres perfumes,
de vigoroso matiz,
palmas em cuja cerviz
scintillam mysticos lumes.

E tu, Luiza, inda mal!
nas fórmas, no porte inquieto
ês o modêlo completo
d'uma belleza oriental.

Se um dia te retratares,
para fundo á tua imagem
busca a opulenta paisagem
d'ao pé dos calidos mares;

tenha no horisonte immenso
caravanas e areaes,
minaretes e rosaes,
e tenue vapor d'incenso,

que eu vejo-a sempre de pé,
estampada no infinito,
entre as palmeiras do Egypto
e os jardins de Nazareth.

Tens no olhar vago e profundo
das solidões o mysterio;
no riso fugaz, o imperio
das paixões d'aquelle mundo.

Tens indolencias suaves,
que enganam como as do mar,
e distracções... de voar
como o raio... ou como as aves,

Pódes, n'um céo de prazer,
crear da vida a ventura,
mas, n'uma hora d'amargura,
pódes matar e morrer.

Vae tanta febre por onde
o céo parece tranquillo!
Quem adivinha o sigillo
d'um coração que se esconde?

Não sentes, vidente ou cega,
não te diz o coração
que ha centelhas de volcão
no seio da estatua grega?

que, amando, pódes sentir
o que outra mulher não sabe?
que talvez teu pranto acabe
e se endureça o teu rir?

que as comas negras e bellas
dos teus cabellos pendentes,
pedem diademas fulgentes
de prantos, feitos estrellas?

Bem vês, teu rosto não finge,
serva ou rainha has-de ser,
que é d'extremos a mulher
que sabe fallar co'a sphinge.

Por isso eu disse: — inda mal! —
ao vêr n'esse todo bello
o mais completo modelo
d'uma belleza oriental.

ANGELICA

Eu nunca penso no teu rosto angelico
sem me lembrar d'um jasmineiro em flor;
tens d'elle tudo, alvura nivea, canticos,
aromas, sonhos, commoções d'amor.

Dão-te, á porfia, madrigaes idylicos,
protestos, queixas, indistinctos ais,
aves, — poetas das balseiras flóridas,
poetas, — aves dos jardins ideaes.

Fallas? gorgeia um rouxinol suavissimo;
ris? desabrocha ao jasmineiro a flor;
choras?! do orvalho as matutinas perolas
vestem de luz o immaculado alvor.

Quando, perdido n'este mar sem terminos,
te avisto ao longe reparando em mim,
— Se acaso, penso, ao meu extremo anhelito
me désses sombra, ó divinal jasmin!

Se recostado sobre musgo flaccido,
a vêr, distante, o largo mar e o céo,
morresse ouvindo-te uns segredos múrmuros!
causára invejas o que alli morreu!

Tu és o arbusto dos canteiros mysticos,
eu, o Ashevero que procura em vão.
—Que vá? que passe?—Ainda e sempre!!.. Enganas-te!
eu já não posso caminhar mais! não!

Cancei! prendi-me embellezado e exanime;
deixa-me agora descançar aqui!
que eu viva ou morra n'este céo de jubilo,
a vêr-te, a ouvir-te, a delirar por ti.

Ha no oriente a mancenilha morbida,
branda, florente, e de mil crimes ré;
não é da sombra, é dos aromas lubricos
que vem a morte ao que lhe dorme ao pé.

Morrer é bom se nos momentos ultimos
da grande luz, de apaixonada flor
se gosa em cheio e se n'uns olhos humidos
floreja um pranto de saudoso amor.

Deixa que eu morra á tua sombra e abraça-me!
peno sem ais, morro sorrindo, vês?!
é tão suave o teu aroma célico!
tão carinhosa e angelical tu és!

Nas horas tristes, quando a noite gelida
me arrefecer, não chores, não! sorri!
feliz, feliz, o que no extremo anhelito
pensar no amor, no paraizo, em ti.

Á MEMORIA SAUDOSA

DA EXC.ma SNR.a

D. OLIVIA MOREIRA FREIRE CORRÊA MANOEL D'ABOIM

MORTA NA FLOR DOS ANNOS

Venho á visita funebre
do anniversario triste,
venho depôr no tumulo,
d'essa que não existe,
uma perpetua só.
Venho ajoelhar no marmore,
pronunciar-lhe o nome
e perguntar-lhe, trémulo,
se tudo se consome
entre o funereo pó.

Oh! Deus! Ella responde-me!
— O meu anniversario
festejam-n'o entre jubilos
os anjos do sanctuario,
no céo que não tem fim.
Olha os brilhantes fulgidos
que me estrelejam! tantos!..
as minhas vestes candidas!
pois fêl-os Deus dos prantos
chorados lá por mim.

MIRAGEM

Nas plagas do Indostão, ao pé de lagos placidos,
que ensombra o tamarindo, o vonvoleiro e as punas,
lá, onde a trepadeira enrama a fonte, e as dunas
se vestem do matiz de lirios e juncaes;
lá, onde a custo o sol filtra no espelho lucido,
qual chuva luminosa, uns raios iriados,
descança o viajante os membros seus cançados
e sonha vêr o edén das lendas orientaes.

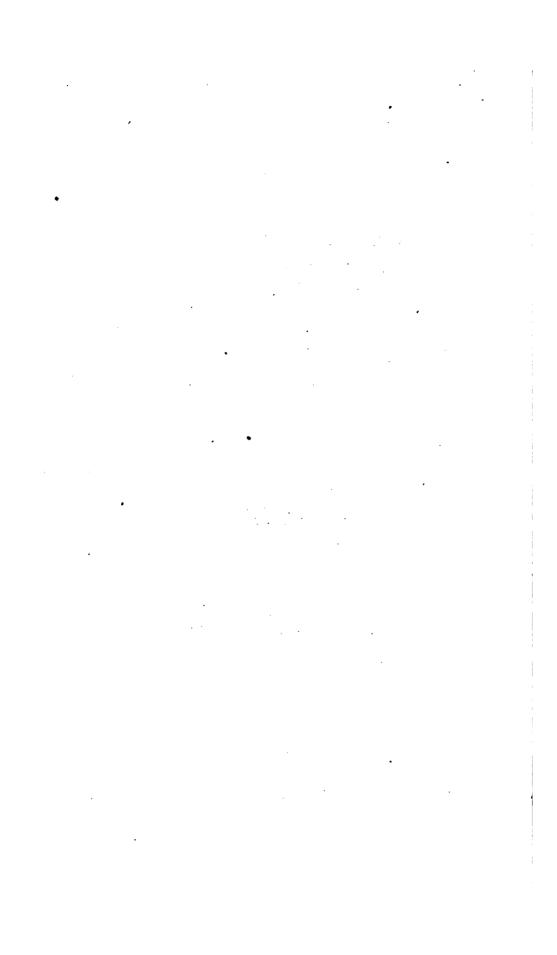
Mansa, discreta a brisa, adeja, olente, em fremitos,
e, a segredar, promette uma ventura ignota;
os fios d'agua alli chorados gota a gota,
e a ramaria branda, e a relva toda em flor,

e o grande côro eterno, a voz solemne, oceanica
da secular floresta, e quanto nos rodeia,
ao espirito entremostra uma sonhada ideia,
e ao coração convulso um cubiçado amor.

Por sobre o lago azul volteia doido e trêfego
d'aves bando gentil, pequenas como abelhas,
verdes, côr d'oiro, azues, alvissimas, vermelhas,
enxame inconsequente a volitar e a rir.
De cada ramo pende e se baloiça morbido
um ninho, e n'elle a prole implume que pipila;
dizei! — que vê o sol que na agua alli scintilla?
— O idylio do presente em honra do porvir.

Tal hoje me parece a festa e o palco esplendido
e o rir e o gorgear do enxame variegado;
idylio celestial, devoto e namorado,
risonhos madrigaes de amor que inda tem fé;
sómente aos beija-flor, succedem formosissimas
aves do paraizo, á selva, a gran cidade,
ao ninho aereo, o berço, ao cibo, a caridade;
sómente em vez do sol é Deus que desce e vê.

Voejae, ride, cantae, fadas gentis e candidas!
que sois ao meu paiz lição, preceito, exemplo;
mudaes o riso em pão, tornaes o palco em templo,
fazeis tanto pae forte e tanta mãe feliz!

Por isso Deus fecunda a vossa obra angelica,
por isso vós colheis bençãos em vez de palmas.
Ai! o que vós sabeis! vós, innocentes almas!
Ai! o que vós podeis, ó graças feminis!

ROSA DE MUSGO

Dizem que o poeta é louco
por seguir uma illusão,
bella, attrahente, mas fatua;
nescio mundo, sabes pouco!
foi louco Pigmalião
por ter amado uma estatua?

Eu tinha no meu canteiro
uma rosa inda em botão,
musgosa, fresca e tão bella,
que dizia o jardineiro:
— Olhe este feitiço! — e então
ficava doido por ella!

E andava alli todo o dia,
em torno á flor de condão,
como abelha ou mariposa;
e quando mais perto a via,
dizia-me o coração:
—Isto é mulher, não é rosa!—

Diz-me um dia o jardineiro:
— Senhor, de noite o suão
roubou-nos a flor mais bella!—
Corro para o meu canteiro
e... Oh! seductora visão!
achei-te no logar d'ella!

Betas de cabello ondado
fez-se o musgo do botão;
o orvalho e o nacar, sorriso;
jardineiro namorado
tornou-se o meu coração,
e o meu jardim paraiso.

Hoje, ao vêr-te assim perfeita,
mulher, ou flor, ou visão,
entre as formosas, formosa,
todos entendem que és feita
do barro de que elles são,
e eu sei que és feita de rosa.

A TUA VOZ

Lembras-te? ouvi-te recitar um cantico;
passava a lua a suspirar no céo
e em torno as auras adejavam trépidas!
que voz a tua e que delirio o meu!

Havia philtros no ambiente calido
que te abraçava e se expandia apoz,
philtros d'amor n'aquelle harpejo timido
que te seguia a suspirante voz!

Pelas janellas do salão esplendido
os astros vinham supplicar fulgor
aos olhos teus, que se entreabriam languidos,
astros, como elles, d'outro céo d'amor.

Mulher, visão, sonho divino e limpido,
(que a voz teu nome nem sequer traduz),
na terra, preza aos roseiraes balsamicos,
no espaço, ao ether e no empyrio, á luz!

Porque vieste n'este mundo ephemero,
soltando a voz, entre-mostrar o céo?
que noite aquella e que prazer tão rapido,
que voz a tua e que delirio o meu!..

Passou, passaram como sons phantasticos
as brandas notas que soltaste alli!
oiço outro canto e nem eu sei se é musica,
vejo outros céos e nem eu sei se os vi!

Se na soidão abro os meus olhos, vejo-te;
se escuto, falla essa adorada voz,
e até das salas no ruidoso vertice
chamo-te, vens, e estou comtigo a sós.

Embelezei-me na visão fatidica;
minha saudade, oh! guarda-a bem! tão bem
que sempre, sempre no desterro inhospito
siga o proscripto pelo mundo além.

Quero dizer-lhe: — O mago sonho angelico,
abre os teus olhos, deixa vêr o céo!
brande essa voz em que marulham lagrimas!..
Que voz! que noite e que delirio o meu!

CONFITEOR

N'UM RETRATO DO AUCTOR, ENVIADO A UMA SENHORA FREIRA

No olhar já me não arde
amor ou genio. A medo
ás vezes fiz alarde
d'um riso ou d'um segredo.
Amanheceu-me tarde
e anoiteceu-me cedo.

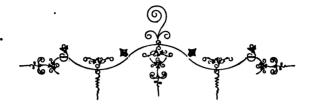
Eis toda a minha historia;
vivi d'um sentimento,
amei nobresa e gloria,
amei...
N'este momento
perdi toda a memoria
e acolho-me a um convento.

IGNOTÆ DÉÆ

Como busca a andorinha estrangeira
tecto amigo além-terra, além-mares,
tal meu canto procura os teus lares,
deusa ignota que pensas em mim.
Pedes cantos? a mim? e és poeta!
um folgor passageiro?... e és aurora!
uma flor? e do eden de Flora
espaireces no immenso jardim!

Mas o culto é devido aos altares,
e não sei que attracção ou que imperio
nos arrasta ao ignoto, ao mysterio,
que eu não sei, deusa ou fada, quem és;

sei que és bella e que choras co'a lyra,
e eu, romeiro do bello, o meu canto:..
uma flor orvalhada de pranto
venho ao templo depôr a teus pés.

Queira a sorte, por ti mais propicia,
já que a mim nenhum bem me consente,
respeitar a memoria do ausente
que te vem o seu culto offertar.
E tu canta, desprende o teu vôo!
alumia, que és fulgida aurora!
refloresce, que és mimo de Flora!
abre o seio, deixando-te amar.

Á ILL.ᴹᴬ E EX.ᴹᴬ SNR.ᴬ D. JESUINA MOREIRA

Encontraram-se um dia a Primavera e o Outono:
— Adeus, bom velho triste, austero e reverendo,
que fazes tu? — Trabalho e furto horas ao somno;
e tu, fresca moçoila? — Eu? como vês... esplendo!

— Vida ociosa sempre! é só garrir, mostrar-te,
galantear e ouvir loas e madrigaes!
— E tu, lavradorão, foges do bello e da arte
e fazes dos jardins pomares e trigaes.

O cheiro d'uma flor envenena-te o olfato;
enches o teu celeiro a rir dos meus primores,
sem te lembrar que a flor é mãe do fructo! — Exacto!
co'uma differença: é que eu tambem cultivo flores!

—Tu?!—Sim!—Deixa-me rir!—Pois ri, mas olha, e aprende
a ser menos vaidosa: acaso em teu abril
houve roseira egual? aquella sim, que esplende!—
E ufano lhe mostrava o arbusto seu gentil.

Accesa de rubor:—N'uma haste só, tres flores!—
pensava a Primavera, e disse ao Estio adusto:
—Porque m'a não queimaste?—A quem?!.. aos meus amores!?
dei auras sempre e orvalho ao feiticeiro arbusto.

—Mas tu, disse ao Inverno, és cego e bem podéras....
—Senhora, essa roseira, assim branda e louçã,
algema os temporaes e domestica as feras!—
E disse a Primavera:—Entendo: é minha irmã.—

Á BEIRA DO TEJO

Que noite calma,
que sonhos, Tejo,
me brotam n'alma
quando te vejo!

Choro co'as aguas,
rio co'as flores,
descanto magoas,
morro d'amores!

Ó lua! ó bella,
que além surgiste,
imagem d'ella
tão meiga e triste,

sobe no vago
do firmamento,
beija este lago
d'azul e argento!

Se tu quizesses,
meiga indolente,
anjo das preces
d'esta alma ardente,

sorriso amavel
tornado em beijo,
sombra impalpavel
do meu desejo,

vogar sem medo
n'um barco amigo...
O Tejo é quedo
e eu vou comtigo!..

Se tu quizeras!..
Sonho sublime,
doidas chimeras
fugi! fugi-me!

Auras e flores
não mais perfumes,
templo d'amores
apaga os lumes.

GRATIA PLENA

Á EX.ma SNR.a D. MARIA LUIZA DA CAMARA LEME

NO SEU ANNIVERSARIO

Venho saudar-te, pequenina fada,
que vejo entrar pelos umbraes da vida,
risonha, meiga, intelligente, ungida
dos sacros oleos que dão graça e amor.
Cáiam as chuvas da invernosa quadra,
rujam os ventos do sudoeste, embora,
foi d'oiro e luz tua florente aurora,
d'aroma e flores o teu berço, ó flor!

Por sob a c'rôa d'açucenas brancas
vejo fulgir outro diadema; um dia,
quando tu fores já mulher, Maria,
cheia das graças que despontam já,

has-de saber o que essas c'rôas dizem:
uma, a de flores, symbolisa esp'rança,
outra, a que fulge, é uma augusta herança,
avito encargo que o Senhor te dá.

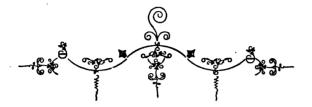
Has-de cumpril-o; em teu olhar acceso
cruzam centelhas do sagrado lume;
em ti se agita o irrequieto nume
que gera assombros, que prodigios faz.
Oh! possas tu, pequena fada meiga,
brilhar, fulgir sem que te creste a chamma
que o genio ateia e que o applauso inflamma,
e apoz a festa adormecer em paz.

Eu hei-de vir, amortecido e curvo,
florido arbusto, demandar-te a sombra,
e recostado na relvosa alfombra
pedir que a paga d'este augurio dês.
É pouco e facil: pedirei aromas,
tu dás-me rosas; pedirei um canto,
cantas e ris, emquanto eu no emtanto
d'agradecido... chorarei talvez.

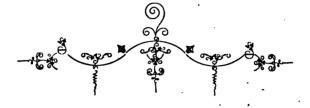
22 de Novembro.

BILHETE DE VISITA

Á ILL.ᵐᵃ E EX.ᵐᵃ SNR.ª D. ADELAIDE MOREIRA

Aqui estive e comprehendi
o silencio, o vacuo, o abysmo
das anciosas solidões.
De muito escutar ouvi,
n'estas solitarias salas,
o ecco das tuas fallas,
e em meu seio as pulsações
que te chamavam aqui.
Parto sem te vêr, mas vi
que era um sacrario sem hostia
a tua casa sem ti.

SOLIDÃO

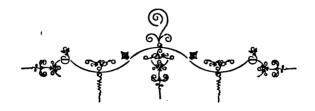
D'esperanças ria o leito, o berço alvejava á espera,
quando o estertor mortal fez tumba o leito e o berço!
e o triste esposo e pae, tão só em magoa immerso!..
E ter fé no porvir, no amor, na primavera!

De esposa, filha e irmã foste modêlo e exemplo,
matou-te, ó branca flor, o teu primeiro fructo,
dentro do coração nos fica o eterno luto
como sagrada cruz em solitario templo.

MEMENTO

Porque foi que tão cêdo te escondeste,
ó doce amigo, ó bom, ó bem-amado?
ó pae de quanto triste e desgraçado
procurava o teu seio almo e celeste?

Que tufão te partiu, ou que nordeste
varreu as folhas verdes do teu prado?
no leito do sepulchro ermo e gelado
porque foi que tão cêdo adormeceste?

Tu nunca foste ingrato, e assim nos deixas!?
Que tristeza foi essa, ou que amisade
te chamou d'além mundo?..
Se estas queixas

de quantos aqui somos na orfandade
vão perturbar as célicas endeixas...
Senhor! porque nos dás esta saudade?

A D. GABRIEL GARCIA Y TASSARA

Sobre mi pecho
Cruzo los brazos yo. Tiendo mis ojos
Sobre la tumba universal e a todo
Le pergunto por Dios. D'onde está? d'onde?
Y nadie me responde.

(La Noche — Tassara).

Quando entre os astros fulgidos
appareceste, ó nume,
levando sempre vivido
o fulvo, claro lume
do espirito ideal,
Deus, o principio unico,
disse-te: — Eu sou teu norte!
entra em meu seio e aquece-te,
ó tu, de quem a morte
fez mais um immortal.

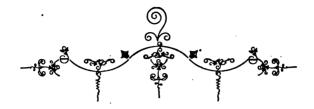
Ás objecções innumeras
que erguendo esse olhar firme
mandaste ao céo esplendido,
talvez para ferir-me
com scepticos desdens;
ás convulsões titanicas
da alma que jámais dorme,
do acorrentado ao Caucaso,
ó Prometheu enorme,
respondo: — Aqui me tens. —

Da sphinge, o eterno inquerito,
tinhas no riso acerbo;
já vêem teus olhos lucidos
o germe, o foco, o verbo
de toda a creação.
Dize ao teu mundo, — o minimo
entre os milhões d'espheras:
— Paira, vaidoso átomo,
que abrigas só chimeras
na tua escuridão!

Sus, sus! pobres ephemeros
que eu lá deixei na terra,
ora immergindo em duvidas,
ora luctando em guerra
sem tregoas e sem fim!

Sêres, que amei do intimo,
ouvi! d'esses abrolhos
que andaes calcando pavidos,
alevantae os olhos,
erguei-os para mim.

Por todos esses canticos
que á patria dei e á gloria
em harpa, ora prophetica,
ora exalçando a historia
d'um povo que foi meu;
por vós, por essas lagrimas
de fraternal saudade,
ouvi-me a extrema supplica
que já da eternidade
vos manda o que morreu.

Ha Deus! achei-o, absorve-me
em sua etherea essencia!
Já lá sentia no animo
raios de innata sciencia,
que elle pozera em mim.
Enrolae, pois, exercitos
a rubra signa inquieta!
acalma o ancioso espirito,
ó scismador poeta!
—Ha Deus e não ha fim!—

INSOMNIA

Acabo de te vêr, flor dos meus sonhos,
chego ao meu leito e se dormir procuro,
da alcova se illumina o fundo escuro
e do fóco de luz tu me sorris!
tu me estendes os braços carinhosos,
espreitas os meus olhos, tu me chamas,
e de feliz, queimado em brandas chammas,
acordo a soluçar! Visões gentís! .

Visões das minhas noites sem repouso,
dos meus dias sem luz, dos meus desejos
que não mitiga um só d'aquelles beijos
que tremem nos teus labios de coral!

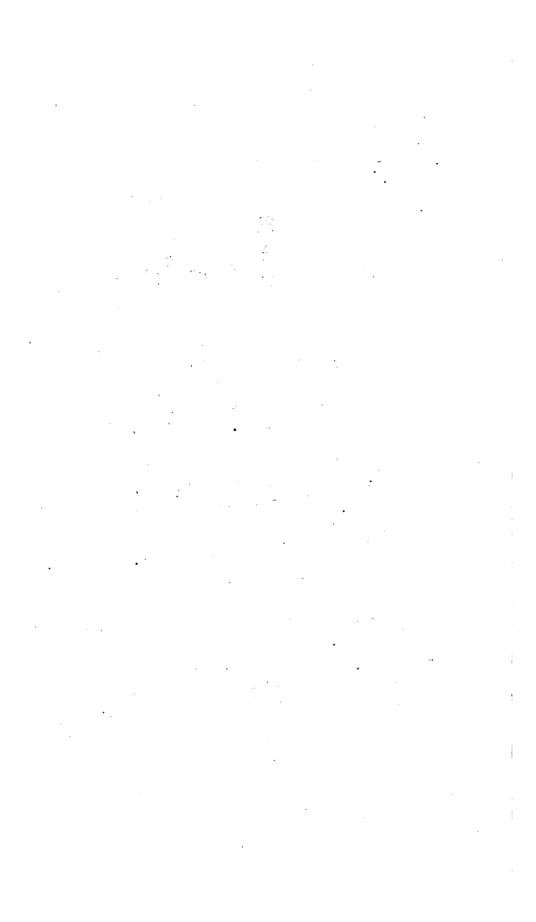
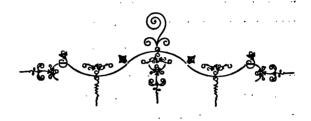
porque vindes á alcova solitaria
perturbar o repouso do coitado,
que nem sequer n'um somno abençoado
de si póde esquecer-se, e do seu mal!?

Eu vivia feliz, d'essa ventura
que não é bem nem mal, prazer nem pena;
d'essa paz incolor, vaga e serena,
que um teu olhar me arrebatou por fim.
E mata-me este lume sempre vivo
na consciencia, de que nada espero!..
Meu Deus, se eu a esquecesse... Oh! não! não quero!
viver é nada! antes morrer assim.

A UM RETRATO

Vou dormir; tu, que não dormes,
fica velando o meu somno,
tu, que és meu anjo e meu dono,
guia e luz que me sorri,
se eu acordar acalenta-me,
se eu sonhar espreita e escuta,
que no anciar d'essa lucta
has-de ouvir chamar por ti.

NUMQUAM FLEBILIS

I

Nunca choras, mulher! Sempre o teu rosto,
formoso como um sonho de Ticiano,
ha-de esconder esse tremendo arcano
que te consome a vida em tal desgosto!

Nunca! pois nunca, ó divinal composto,
vagando á beira do saudoso oceano,
perla d'amor, em teu martyrio insano,
beijar-te vem ás horas do sol posto!?

Ai! chora uma só lagrima na vida!
a gota rosi'-argentea das auroras
cáia em tua alma triste e resequida!

Ás tuas negras, ermas, crueis horas,
desça orvalho do céo! Chora, querida!..
Tenho medo de ti! porque não choras?..

II

Ferida chora a vide sobre o olmeiro,
a noite chora orvalho na deveza,
no tegurio miserrimo, a pobreza,
e sobre o rio, o pallido salgueiro.

De mimo e prazer chora o amor primeiro,
o orfãosinho, de medo e de tristeza,
d'ambições mallogradas, a grandeza,
de saudades, o amante e o aventureiro.

Só tu, qual se o vulcão d'intimas fragoas,
que mata á superficie a flor e o fructo,
dos teus olhos seccasse as puras agoas,

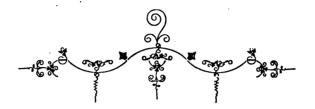
andas serena, envolta no teu luto,
e seja immenso o horror das tuas magoas,
sempre o teu rosto ha-de ficar enxuto!

III

Sorrir é bom quando se tem ventura,
ou quando, ao menos, feiticeira esp'rança;
arfa a existencia em mares de bonança,
rompe a alvorada sempre amena e pura.

Nuvens, se ha nuvens, são de tanta alvura,
que alli a mente pousa e alli descança,
como em berço d'arminhos a creança!
e vaga e voga pelo azul da altura.

Mas, quando o coração se traz desfeito,
apparentar serenas alegrias
na mascara d'um rosto satisfeito,

mas rir nas mais acerbas agonias
é matar, parricida, os ais no peito!
Tu não pódes chorar?! pois bem! não rias!

ADEUS!

Parto, querida, é forçoso!
tu bem vês com que tormento
te digo adeus e me ausento
do teu amor, dos teus ais.
Tu bem sentes quão saudoso
vejo quebrar-se este encanto,
e se tu choras e eu canto
qual de nós dois pena mais?

Quem sabe se longe, longe,
gélido o vento do norte,
me dará beijos de morte,
ou se hei-de tornar-te a vêr?

Se pódes ter fé, querida,
no meu destino revolto,
dá-me o teu amor, se volto,
chora por mim, se eu morrer.

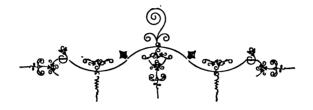
DOBRE

Morrer é pouco ou nada, o que mais custa
é ver morrer quem tanto nos queria,
sentir esta saudade, esta agonia,
este luto, esta dôr, que é grande e é justa.

ouvir dobrar um sino e pensar nella;
chorar, mal que se avista um cemiterio,
chegar a noite, e pelo azul cidereo
andal-a a procurar em cada estrella!

Beijar uns orfãosinhos semi-mortos,
ouvir-lhes dizer: — Mãe — talvez julgando
que atraz de nós se esconde o seio brando,
e buscarem-n'a em vão, ficando absortos!

Eras tão nova e bella! Ó luz d'ess'alma
que tão cedo voaste ao patrio impireo!..
Agora cresce, ó nuncia de martyrio,
enlaçando essa cruz, funerea palma!

Espirito, és com Deus! Corpo, de rojo
se entra na eternidade. Alva redoma,
partida estás! subiu aos céos o aroma,
descança, murcha flor, niveo despojo!

MIGUEL ANGELO

(IMITAÇÃO DE SALVANY)

Florença, o berço jocundo,
deu-lhe flores e illusões;
Roma, o pantheon do mundo,
sagrou-lhe o genio profundo
e as divinas creações.

Impõe, como omnipotente,
impossiveis ao cinzel?..
eis um Moysés, cuja frente
diz toda a augusta e plangente
epopeia d'Israel!

Quereis que ainda a mais se afoite?
Da alta inspiração no cumulo,
volcão, tempestade, açoite,
do marmore arranca a noite,
e adormece-a sobre um tumulo!

Se pinta, vê, descortina
todo o futuro! o immortal!
e na capella Sixtina
traça a tragedia divina
do julgamento final.

De mais grandeza sedento,
audaz zimborio segura
nas altas regiões do vento,
levantando ao firmamento
a italiana architectura.

Novo genio o ardor lhe inspira,
descança em novos labores,
a novas creações aspira,
finda um templo, pulsa a lyra,
e surdem novos primores.

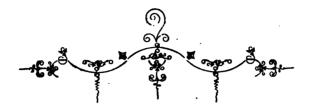
Chamam-no epicos destinos,
e soldado e cidadão
defende, ao clangor dos hymnos,
sobre os muros florentinos,
da liberdade o pendão.

Succumbe a nobre Florença!
Do gigante lidador
abate a pujança immensa
a inexoravel doença
d'um desesperado amor.

Não morreu! guarda-o a historia,
divinisa-o a saudade;
honram-se d'essa memoria
Grecia e Roma; e d'essa gloria,
terra e céos — a immensidade!

Tal é a historia succinta,
tal o sympathico drama
do que, com gloria distincta,
esculpe, architecta, pinta,
escreve, peleja e ama.

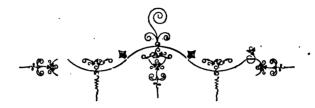
AO PÉ D'UM BERÇO

Adeus, filha, adeus; agora
fecha os teus olhos, descança;
Deus manda sonhos d'esp'rança
nos fios d'oiro da aurora.
Sonha, pois, teus olhos cerra,
e Deus te diga, querida,
que nunca acharás na vida
mais santo amor sobre a terra.

NUNCA MAIS

Ella podia amar-me, a boa e linda,
sabendo o muito que é por mim amada,
dar-me a ventura que levei sonhada
por tantos annos sem a achar jámais.
Ella santa, amoravel como os anjos,
podia presidir aos meus labores,
e inspirar-me ao calor dos seus amores
talvez ainda uns cantos immortaes.

Ella era destinada a ser o fogo
que viesse poisar-me sobre a fronte,
guiar-me pela mão ao sacro monte
n'essas horas febrís de inspiração.

Ella era a minha luz, o meu enlevo,
que me sorria, se me via triste,
por ella eu déra tudo quanto existe,
mas ai! não póde ser, meu coração!

Foge! foge e termine este martyrio!
finde esta morte lenta, estes horrores!
adeus, querida! adeus, castos amores,
sonhos d'oiro e de luz que me enganaes!
nunca mais hei-de ver-te nem buscar-te,
nunca mais fitarei teus olhos bellos,
nunca mais beijarei os teus cabellos,
adeus, querida, e para nunca mais!

PERFEITA

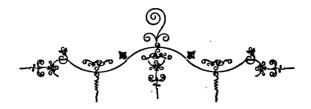
Quando na Grecia o culto era da formosura
e em cada templo havia as Graças e o Amor,
devias ter nascido, ó peregrina flor;
nascendo agora e aqui, fizeste uma loucura.

Vivêras tu ao pé d'aquelles verdes mares,
e o povo artista, ao ver tão primorosa joia,
ou te fazia... Hellena, e incendiavas Troia,
ou, Venus, e eras deusa e tinhas culto e altares.

Caíste, ó primor da arte, em terra fria e estulta.
Que distancia da Grecia e até da Hespanha aqui!
é triste, mas não chora; alegre, mas não ri;
oppressa nunca exora, e livre nunca exulta.

E sente; intimo sol um intimo desejo
lhe aquece, lhe afervora... o eunuco tambem sente;
vê-te, suspira e cala! Oh! miseranda gente
que passa a vida a amar e a refugir de pejo!

Pois seja eu grego ou louco, e que esta raça nescia
te divinise ou não: venho jurar-te aqui
que da arte o genio fez, ó bella, para ti
os Angelos no Lacio e os Phidias na Grecia;

que lá fôra acclamada a tua formosura,
ao pé de Hellena, a amante, e Venus, a divina.
Vivêras lá, e então, ó joia peregrina!
nascendo agora e aqui, fizeste uma loucura.

Á ILLUSTRE POETISA BRAZILEIRA

D. ADELINA LOPES VIEIRA

Sei que vives e floresces,
rica de mil seducções,
no teu flórido Brazil;
sei que em teus olhos ha preces,
que em teus labios ha canções,
que ha toda uma primavera
no teu composto gentil.

Depois, ao ler o teu nome
senti saudades tão vivas,
tão gratas recordações
d'horas que não voltam mais!..
Minh'alma é estranha chimera,
irmã d'umas sensitivas
que abundam nos teus rosaes.

Qualquer aragem que passa,
qualquer som que a brisa traz,
sejam nuncios de desgraça
ou cantos de gloria e paz,
agitam est'alma inquieta
como ás cordas da harpa a brisa.
Oh! tu bem sabes, poetisa,
que esta é a sina do poeta.

Lendo o teu: «Primeiro beijo»
e apoz, teu nome querido,
já me não sáe do sentido
uma saudade e um desejo.
O desejo é de venturas
e glorias, quaes as mereces,
tu, que nos olhos tens preces
e tens nos labios canções.
Quanto á saudade... o teu nome
teve esta culpa sem dolo,
mas a saudade é consolo
dos perdidos corações.

THEREZA

— Thereza, quando tu passas
na minha rua, á noitinha,
por mais desvios que faças
não me escapas, não, loirinha.

Escusas d'ir junto ao muro
e á sombra do castanheiro,
sol que amedrontas o escuro,
fazes dia no terreiro.

Chamam-te por tu, ceifeira,
é por te amarem, Thereza,
se vaes á romage' e á feira
abrem-se alas á princeza.

E quando, em dia de festa,
botas o teu fato novo,
e corres, airosa e lesta,
de mão na cintura, o povo,

com esse pé, que anda ás soltas
no pequenino tamanco,
e o fio que dá tres voltas
ao teu pescoço tão branco!

e o teu lenço adamascado
sobre essa cabeça loira,
em tres voltas enroscado
como um turbante de moira!

E esse outro, o véo dos sacrarios
do seio tão bem composto!
e os brincos! dois lampadarios
alumiando o teu rosto!

E o teu avental de folhos
traçado ao desdem no braço!
e o «sim» dos teus grandes olhos,
e o «não» do teu riso escasso!..

Nenhuma serrana imita
a tua graça e lindeza;
e dizem todos: — bonita! —
e tu nem olhas, Thereza!

Hontem, quando foste á missa,
ias tão bem, tão singela!
a todos metteu cubiça
a tua saia amarella;

e eu disse... Não te arrenegas?
que és mais guapa e mais bizarra
co'a saia negra de pregas
com ramos verdes na barra.

Mas... passas como quem passa
sem ver o que deixa aos lados,
nem achas graça á desgraça
dos teus pobres arrastados!

Nunca choras de tristeza
nem ris d'aberta alegria!
quem te fez isso, Thereza?
teus olhos mentem! ês fria!

Não haver quem te desperte
calor no teu seio, aurora!
nem o sol póde aquecer-te!
se, mal que te vê, descora!

Que visco te prende as azas?
tremes de frio ou d'enleio?
queres? eu faço-me em brazas
para aquecer o teu seio.

— Senhor, se quer arder, arda,
morre quente e faz-me inveja;
mas a fogueira inda tarda
e eu tenho tempo. Ora veja!

trago hoje a saia amarella,
o desespero do mundo!
vou vestir a tal, aquella
das barras verdes no fundo.

Mas veja bem se se atreve!
que nunca sabe, quem ama,
se o fogo derrete a neve
ou se a neve apaga a chamma!

— Se essa boca me condemna
temo que os gêlos me tomem!
— Já não arde?! ora, que pena!
Veja, a palavra d'um homem!

AO PÔR DO SOL

AO MEU SAUDOSO AMIGO, ANTONIO BORGES DA CAMARA MEDEIROS

Nas sombras d'este monte, e no silencio placido,
que o choro não contrista e o riso não alegra,
ou doire o sol, ou a lua argente a selva negra,
o espirito de Deus procura os que estão sós.
E eu, só, como Ashevero, o vagabundo incognito,
eu, só, como o rochedo entre inconstantes agoas,
ou pare, ou ande, ou cale, ou conte as minhas magoas,
só Deus me vê, só Deus escuta a minha voz.

— Senhor! quando ao Sinai, entre clarões fulminios,
subia um filho teu, com passo mal seguro,
mostravas-te, Senhor, e abrias o futuro
ao já cançado olhar do impavido Moysés!

Para te vêr, subi do monte quasi ao cumulo,
venho-te procurar mais perto do infinito;
vejo-te, vês-me, fallo, escutas-me... Bemdito!
bemdito! oh Deus! achei-te, e prostro-me a teus pés.—

E fallou-me o Senhor; e eu escutava attonito
aquella voz-murmurio-e vibrações suaves;
côro do céo, do mar, dos anjos e das aves,
sons que o silencio cria, e entôa a solidão.
— Senhor! lhe disse, eu vago entre insondaveis terminos:
a sepultura e o berço: o horror de dois mysterios;
procuro vêr o céo, e o pó dos cemiterios
ante os meus olhos se ergue, e offusca-me a amplidão...

Respondeu-me o Senhor: — Entre o finito e o maximo
dista sómente a vida. — A vida é pois algema?
a vida é pois bastilha? Eis o fatal problema:
maximo é o grande nada, ou a vida eterna, ó Deus? —
Deus viu-me o pensamento e disse: — O teu espirito
é debil, como é tenue o lume dos teus olhos;
andando, olha os teus pés, ou rasgam-te os abrolhos;
finda a jornada, então, pódes olhar os céos!

— Senhor! porque te apraz crear fracos e ephemeros?
a mim, a borboleta... a mim, que a tanto aspiro,
que atraz d'um sonho corro, e canço-me, e deliro,
e nunca attinjo o enlevo em que os meus olhos puz?!

— Homem, repara bem: preceito eterno e unico
dirige a borboleta, o astro, e a ti, poeta;
não vês que a terra, o mar, tu, astro, e borboleta,
fatalmente giraes em-torno d'uma luz?!

— Vejo, Senhor! e agora, escuta humilde supplica:
demora a minha luz, quero abrazar-me n'ella!
ou deixa-me cegar, olhando para ella,
ou que a vertigem finde, e apaga esse pharol! —
Ao longe, muito além, dos céos talvez, uns canticos
vieram-se juntar á voz do Omnipotente,
que disse: — Homem sem fé, repara no occidente! —
Esplendido! no mar ia poisando o sol!

o astro grande! o rei amortalhado em purpura,
que não se deixa olhar, senão quando se esconde,
parece vêr-me, e ouvir-me, e, ó Deus! por ti responde,
e eu tremo de entender-lhe essa fatal mudez!
Acurvo-me á lição do célico espectaculo!
ó sol! tal como tu será minha ventura?
Sómente hei-de entrevêl-a ao rez da sepultura,
e á luz crepuscular da eterna viuvez?!..

....
....
....
....

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

A aragem queda e muda, agora adeja em fremitos;
na côr, tão viva ha pouco, ha sombras e desmaios;
como a aguia as azas colhe, o sol colhêra os raios,
e, findo o vôo immenso, aninha-se no mar!
Aos jubilos do céo, a terra manda jubilos;
os campanarios, o «ave», em vibrações discretas;
incensos a campina em nuvens de violetas...
Oh! selva sacro-santa! oh! luz crepuscular!

Bussaco — agosto 1869.

O FELLAH

RECORDAÇÕES DE ARCACHON

A UM ENGENHEIRO DO CANAL DE SUEZ

Amigo, triste do Fellah
nos páramos do Egypto ardente,
ou cáia a prumo o sol fervente,
ou muja e brame o vento bravo!
Se tu viveste lá,
sabes-lhe a historia: é escravo.

Escravo é quem trabalha; o céo,
ventura, amor, tudo é ridente
para quem póde erguer a frente;
o Fellah nunca! lida e chora.
Amigo, tal sou eu,
e descuidei-me agora.

Mas hoje, além, um rouxinol
ergueu seu canto aereo e vago;
estava eu só junto do lago,
sorrindo a ouvir segredos da aura;
    nisto subia o sol!
    nisto descia Laura!

— É primavera! — pensei eu,
ao vêr no lago prateado,
aquelle rosto illuminado,
aquellas tranças côr de aurora!
    Pária! busca outro céo!
    vae-te, Fellah, embora!

Já vês que é tarde; o peito é são;
trabalhador, volta ao Egypto!
no mar, na terra, no infinito,
é tudo rosas, luz, concerto!..
    Lá tens o alvião
    parado no deserto.

Vae-te, Fellah, embora! — E vou!..
Doente, o peito, era tranquillo
sob as palmeiras do meu Nilo!..
Tenho-te medo, primavera!..
    Quão triste, ó Deus, estou!
    quão mais do que lá era.

Quiz Deus que ouvisse o rouxinol!
Lethal essencia me embriagava.
Eu fumei opio e inda sonhava,
sorrindo a ouvir segredos da aura;
  mas despertou-me o sol...
  e as tuas tranças, Laura.

Á MEMORIA

DE

FRANCISCO LUIZ GOMES

Morrer, fugir da luz! furtar-se á gloria
quem tão mimoso foi dos seus affagos!
quem, no abysmo sem fim dos sonhos vagos,
passára a vida a trasbordar de luz!
Caìr assim do pantheon da historia,
do fastigio, do vertice, do cumulo,
ante-sazão, no immenso mar! um tumulo
onde não vela a sombra d'uma cruz!

Astro do rico oriente, assim te abysmas,
ao volveres de novo ao floreo berço,
quando, em miragens d'esperança immerso,
vinhas, cançado obreiro, repousar!

Já vias palmeiraes e aurora e prismas,
cascatas entre flores deslumbrantes,
e ineffaveis canções, fallas amantes
já te ouvia o desejo além do mar...

e dobraste a cabeça, e adormeceste
pelo oceano embalado, como embala
a mãe, que espreita o filho e que não falla,
até que elle se encosta e mais não ri.
Tua alma, rosa mystica e celeste,
fez-se aroma e subiu, desfeito o enleio;
o mar que te embalára, abrindo o seio
disse-te: — Vem! — e tu entraste alli!

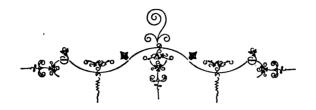
nesse tumulo grande e crystalino,
cheio de luz, d'anceio e de rumores,
onde ha grutas e perolas e flores
e alamedas de rubidos coraes.
Insondaveis mysterios do destino!
foges, cançado, aos temporaes da vida,
ergues o vôo... e cáes, aguia ferida,
no pego dos eternos temporaes!!

Foi uma sina, amigo, e teu fadario
era o do lidador que um dia ás vagas
a vida arremessou! quem sabe as plagas
a que o vae arrojar o seu baixel?!

quem sabe o caprichoso itinerario
que a nuvem cobre e o vento contraría?
segredos do tufão, da calmaria,
da restinga, do leme e do parcel!

Ninguem se esconde á sorte. A nuvem pallida
d'uma grande saudade a India cobre;
deixae passar a sombra triste e nobre,
dae-lhe em tributo os cantos funeraes.
No mar ficou apenas a crysalida;
o tempo, que as memorias divinisa,
ha de escrever seu nome por divisa
no pantheon das glorias orientaes.

CANÇÕES DA INDIA

I

Mocadão, empunha o leme!
solta a véla! rumo a leste!
corta o espelho azul-celeste
do risonho Mandovy!
Arfa o rio, a aragem treme,
pousa o sol n'um mar purpureo,
e ha nas ondas um murmurio
que segreda e canta e ri.

Ó Gôa, céo d'amores,
Veneza oriental!
canaes por entre flores,
palhetas de mil côres
no rumuro crystal!

O escaler é branco e fino
como a garça, alva de neve,
que além passa, e que de leve
roça a flor do rubro mar.
Céo sem fim! paiz divino!
luz e aromas do oriente,
que fazeis á alma dormente
conceber, sorrir, sonhar!

Céo, vivida saphira,
desmaia o teu cariz!
hora em que o sol delira,
ama, e d'amor expira
nos extasis febris.

Cintra, ó Cintra da India amena,
recatados horisontes,
fundos valles, verdes montes,
que estaes rindo para nós!
Solidão fresca e serena,
que tens fontes e cascatas,
nobre orgulho dos marathas,
tentação dos bounsolós!

Ó céo, como palpita,
fecundo, o seio teu!
e accende-se e crepita
o enxame que te habita
d'astros sem conto, ó céo!

Pois que o vento o mastro inclina,
e a corrente o barco impelle,
que o sol foge e em logar d'elle,
vêde, a lua vae nascer,
que na tela azul, divina,
Deus põe côres surprehendentes,
vá! cantemos, indolentes
remadores do escaler!

Embora o sol se esconda,
o astro da soidão
entorna em cada onda
diamantes de Golconda
e perlas de Ceylão.

II

A minha tona resume
os thesouros do meu lar:
bilha d'agua, esteira e lume;
o mais dá-m'o Deus e o mar.

Se Mormugão tem perolas,
saphiras e ouro, Onor,
se amores, Angediva,
brilhantes, Bisnagar,
eu roço a medo e triste a praia esquiva,
e resta ao pescador...
sómente o mar.

Sou pescador do mar alto,
nasci na umbrosa Mahem;
se a noite ergue o mar e eu falto,
que ha de ser de minha mãe?

Se Mormugão tem perolas,
se rosas tem Dandim,
se bellas, Angediva,
brilhantes, Bisnagar,
eu deixo sempre ao largo a praia esquiva,
e resta para mim...
sómente o mar.

É-me abrigo a minha vêla;
sombra, contra o sol mortal;
calor, se me embrulho n'ella,
contra o frigido *terral*.

Se Mormugão tem perolas,
se fadas tem Pondá,
se glorias, Angediva,
brilhantes, Bisnagar,
eu fujo como estranho á praia esquiva,
e resta-me por lá...
sómente o mar.

Quando a tona se me encosta
ás palmeiras de Dandim,
segue-nos por toda a costa
o aroma d'este jardim.

Ceylão tambem tem perolas,
e tem rubis Pegú,
brilhantes tem Golconda,
sanguineas Carwar,
e eu passo a vida triste d'onda em onda,
e resta ao pobre nu...
sómente o mar.

III *

D'amor aos braços flaccidos,
delicias do prazer,
vem! gosa! n'esta alfombra
tentam fragrancia e sombra!
que és tu?.. simples mulher!

Tanges a *Visnam,* requebras-te
em novos cantos e danças;
bailas sempre airosa e languida,
e em tantas voltas não canças!

D'amor aos braços flaccidos,
delicias do prazer,
vem! gosa! n'esta alfombra
tentam fragrancia e sombra!
que és tu?.. simples mulher!

Dize ao teu fio de perolas,
dize, amor estremecido,
que pague d'amor a divida
ao meu desejo insoffrido.

---

* Traducções.

D'amor aos braços flaccidos,
delicias do prazer,
vem! gosa! n'esta alfombra
tentam fragrancia e sombra!
que és tu?.. simples mulher!

IV

Homem tisnado, aos teus braços
corro, viril formosura!
deixa embeber-me em teus olhos,
cheios de vida e doçura!

Ó crestado semblante, rosto amavel,
tentação de morrer!
tu és fonte perenne, inexgotavel,
unica, do prazer!

Homem tisnado, aos teus braços
corro, viril formosura!
deixa embeber-me em teus olhos,
cheios de vida e doçura!

Senhor, que sobre um dedo ergueste um monte,
(quão poderoso és!)
oh! consente, senhor, que a minha fronte
pouse sobre os teus pés!

Homem tisnado, aos teus braços
corro, viril formosura!
deixa embeber-me em teus olhos
cheios de vida e doçura!

V

Vamos, é noite velha e eu vou comtigo,
senhor, ó meu senhor!
vamos depressa, estremecido amigo!
eu vou comtigo! A noite faz pavor!

Já sondaste desejos da minh'alma,
ancias do meu amor;
toma-me! vem! sou tua! colhe a palma!
A noite calma... embora, faz pavor.

VI

Vês, senhor? a lua espreita-me,
e vê-me, como eu a vi!
conheceu-me o rosto pallido...
como hei de chegar-me a ti?

VII

Foge de mim, cavalleiro,
que, emfim, já sei quanto vale
o teu fallar lisongeiro.

Dize: pódes construir
só d'areia um pedestal?
póde acaso alguem subir
pelo fio d'um punhal?

És filho de *Mathará*
e eu sou *gugir puniarí:*
que pódes querer de cá?
que posso esperar de ti?

Foje de mim, cavalleiro,
que, emfim, já sei quanto vale
o teu fallar traiçoeiro.

VIII *

As mouras de Pondá
são como o sol do oriente,
que é quente, quente;
mas no alto Mordongouro
cioso espreita o mouro,
e o barco não vae lá.
Cantar, cantar!
Quem vos podéra amar,
ó mouras de Pondá!

IX

Feliz do que, encontrando-a entre-dormida,
ao lado se lhe deite
antes que venha o dia,
sonhando paraizos de deleite,
sentindo-a palpitante e commovida,
e que ella acorde, o veja... e lhe sorria.

* Emitações.

X

Ella espera e sonha e quer
amores que tenham febre;
amor que a isenção lhe quebre,
amor que a faça mulher.

XI

O noivo espera, remeiros,
vergae os remos nas agoas.
Quantas penas, quantas magoas
vão em peitos de donzellas
e ficam tambem por ellas
em peitos de cavalleiros?!

XII

as palmas olham a terra
e as arequeiras o céo;
pois vale mais quem se curva
do que quem tanto se ergueu.

XIII

Nem sempre chora quem pena,
nem sempre o mar mostra escolhos,
nem sempre ri quem se alegra,
nem dorme quem fecha os olhos..

VIOLANTE

Que linda!.. quem não te adora,
raio de luz da manhã?!
loura, rosada, louçã,
innocente e scismadora!

E porque scismas, querida?
receia acaso a tu'alma
de não encontrar a palma
que a gente sonha na vida?

é muito cêdo, vê bem,
deixa lá scismar o triste,
que na soidão em que existe
nada espera e nada tem,

mas tu?.. Sabes, innocente,
que me faz mal vêr-te assim?!
aroma d'este jardim,
aurora de fulvo oriente!

a cada qual seus cuidados:
tu és a copla d'um hymno;
canta! cumpre o teu destino,
ave dos flóridos prados!

Tu és mulher, anjo e flor,
toda luz e riso e gala,
branca, um champó de Bengalla;
bella, uma rosa de Onor.

Que linda!.. quem não te adora,
raio de luz da manhã?
loura, rosada, louçã,
porém, sempre scismadora!

Tu, a quem por um sorriso
déra o seu nome *Angediva,*
que até no seres esquiva
dás mostras de paraizo,

porque has-de scismar? e então
na terra onde ha tanta palma!
Deixa voar a tua alma,
não deixes ao coração.

É como avesinha solta,
que um fóco de luz attrahe,
e assusta-se e lucta e cáe,
e as azas queima e não volta.

Tens o olhar no oceano immerso!
serão saudades? responde!
talvez, que onde o sol se esconde
fica o teu berço e o meu berço!

Tu nunca o viste, bem sei,
mas n'uma alma dolorida
ha saudade indefinida,
que chama, que attrahe, que é lei.

Quando eu voltar, se algum dia
volvo á terra de meus paes,
tu vaes commigo, oh! sim, vaes,
dou-te o barco e a companhia.

Vaes na galera dourada
da minha musa; é formosa!
é toda sandalo e rosa;
tu chamas-lhe genio e eu fada.

Vão comnosco inspirações
que brotam do seio amante;
vae o estro delirante
a derramar-se em canções.

Vae o bem-querer sem meta
e a liberdade sem fim;
vae teu seio junto a mim!..
Ventura e gloria completa!

Nas vélas de seda, flores;
a flux, crystaes e brocados;
a guarnição, — de cuidados,
a tripulação, — d'amores.

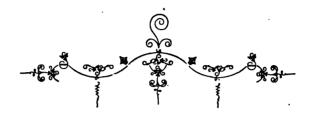
Dará dia ou noite aos céos
o capricho dos teus sonhos...
dia, os teus, que são risonhos;
noite, a tristura dos meus.

Teu olhar será meu astro,
e a vaga ha de acompanhar
uma harpa eólea a cantar
pendente de cada mastro.

Verás como se delira
na solidão luminosa!
Quando cançares, formosa,
embalo-te ao som da lyra,

e vou encostar-te, ó flor,
sobre o teu coxim bordado,
e hei de ajoelhar-me a teu lado
a segredar-te d'amor.

Oh! para bem longe a praia,
onde a visão se desfaz!
onde a miragem, falaz,
mas tão risonha, desmaia.

Quebre-se, embora, a galera!
morrâmos ambos, querida,
e continuemos a vida,
longe, escondidos na esphera.

O SINO D'OURO

É noite lobrega! o sino,
o sino d'ouro da Sé,
dá badaladas soturnas
chamando ás preces nocturnas!..
Quem chama o sino?.. quem é?!..

Pois d'estas cryptas sombrias,
d'estas funerarias urnas
quem se levanta? quem vê
coar-se o raio divino
da luz da mystica lampada
pelas janellas do templo
como o olhar casto da fé?

Só se das marmoreas campas
resurgem, por horas mortas,
os heroes de mil batalhas,
naufragos de cem procellas
da sorte nos invios mares,
e vão depôr nos altares,
em vez de rasgadas vêlas,
ensanguentadas mortalhas!

Tange, sino d'ouro, tange
na velha torre da Sé,
que se o teu som se refrange
nos ecos da solidão,
se das abobadas rotas,
que estão ruindo a pedaços,
te responde o furacão,
talvez que aos heroes d'Ormuz,
de Chaul, Diu e Ceylão,
quebres o sêllo da morte
e acordes o coração.
Era tão grande! tão forte!..
Poderam com tantas magoas
e ganharam tanta gloria
sobre a terra e sobre as agoas,
e são tão vivos na historia!

. . . .

Tange, sino d'ouro, tange
na velha torre da Sé,
que o teu convite inda abrange
um grande imperio onde ha fé.
Em todo o paiz da aurora
á tua voz, reverente,
se descobre, pára e ora
o immenso povo christão;
a tua voz inda sôa
desde as ruinas de Gôa
até ao floreo Japão;
desde Ormuz ao Guzerate,
desde Timor a Pekim,
desde Ceylão a Surrate,
desde Cambaya a Cochim,
sôa sempre! e só desmaia
nas planuras do Hymalaia,
do sul nos mares sem fim!

. . . .

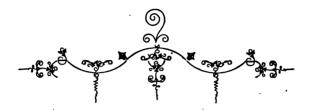
Meu Deus! eu tenho provado
o calix amargurado
de quanta tristeza existe
no mundo e na solidão,
mas nunca uma voz tão triste
me bateu no coração!

A noite lobrega, escura!
A estreita cella que habito
n'este palacio-clausura!
Esta janella entre-aberta,
por onde me vem perfumes
da selvatica floresta,
d'onde vejo: além, o mar;
um arco, alli, o que resta
da necropole deserta!
e milhões de vagalumes
estrellejando o palmar!
E no vestigio que morre,
na solidão que recresce,
da alta ventana da torre,
chamando á nocturna prece,
a voz do sino que brande
ais de dôr na solidão!..
Nunca tristeza tão grande
me entrou pelo coração!

. . . .

Vim assistir ao desabar da gloria!
Ter de mostrar ás tribus estrangeiras
pór todos os tropheus da nossa historia
Só ruinas, desertos e caveiras!..

. . . .

Colhe a piedosa voz o sino que se queixa!
Trémula vibração, como final d'endecha,
inda no espaço carpe, inda se eleva ao céo,
treme, vacilla, anceia, esmaia... e emfim morreu!
Agora, nada!.. nada!.. escuto, e nada escuto!
o mar sombrio e quêdo, a terra e o céo em luto,
e eu só, como o romeiro, entre funereo pó,
eu só, como a saudade, e agora ainda mais só!
que o som é companhia e um eco dá conforto;
ha vida em cada voz! só o silencio é morto.

DIPPU

CONTO ORIENTAL

RECITADO NO QUINTO ANNIVERSARIO DA ESCOLA

CARIDADE

EM LISBOA

OFFERECIDO AO MEU ESPECIAL AMIGO

JOSÉ AGOSTINHO DE FIGUEIREDO PACHECO TELLES

I

Meninos, silencio agora!
eu quero fallar tambem.
Ha festa em casa da aurora?
pois viva quem n'ella mora
e os crentes que á festa vem!

Eu sou romeiro, meninos,
venho cançado, mas vim;
ouvia lá fóra uns hymnos...
— Vamos vêr os pequeninos —
disse eu, de mim para mim.

Que á gente, posta defronte
de tanto florente amor,
lembra, no abrigo d'um monte,
floresta ao pé d'uma fonte,
lago ao pé de muita flor.

Tem-se aromas e frescura
e rouxinoes a cantar.
É doce, n'esta espessura,
antes de subir á altura
assentar-se e conversar.

Guardae-me bem na memoria
aquillo que eu vou dizer;
vou contar-vos uma historia
em que entra a ventura e a gloria
d'alguem, que aprendeu a ler.

— Ler — ouviste, mocidade?
Vêde bem se me escutaes;
— ler — é o verbo e a trindade
da biblia da humanidade:
tres lettras só, nada mais.

— Ler —! A palavra é pequena
como vós sois, e eu já vi,
em manhã limpida e amena,
de orvalho perla serena,
conter o universo em si.

— Ler — é cantico da aurora,
é chave, conselho e luz,
fé que vê, temor que adora,
não diz: — foge! — revigora,
nem: — pára! — ensina e conduz.

Agora escutae, meninos,
a historia que vou contar;
heis de vêr que, se ha destinos
em toda a parte mofinos,
ha sempre Deus a espreitar.

II

Foi nos ardentes indicos palmares,
onde entre os cajuaes, a bengalina,
tendo por fundo os transparentes mares,
levanta e ostenta a coma purpurina;

onde, como n'um sonho ardente e vago,
n'um extasi d'amor que não tem falla,
champós e vonvoleiros de Bengala
contemplam as nimpheias sobre o lago;

onde o tigre real ruge d'amores
e o terno moruoni canta no ermo,
e tem de luz milhões, milhões de flores
os palmeiraes e o céo fundo e sem termo;

onde são rosas, sol, rio, floresta,
os gentilicos trages, a plumagem
dos passaros, esmalte da paisagem,
eterna primavera e eterna festa;

III

foi alli. N'um céo d'amores,
nos arecaes de Quiulá,
vivia entre sombra e flores
Ramagy Vassu, rajá.

Tinham seus filhos, valentes
como os tigres d'Ervalem,
a bronzea côr das serpentes
e os olhos lindos, tambem.

Tremia o feroz maratha
do seu provado valor,
Angriá, o cruel pirata,
e os reis de Sunda e d'Onor.

As joias nos seus turbantes
ferviam como em crisol,
dos seus punhaes os brilhantes
mandavam raios ao sol.

Nas festas e nos combates,
quer na terra, quer no mar,
eram a gloria dos Gattes,
o orgulho do Malabar.

Tinha outro filho... Ai! que prantos
chorava o pobre Dippu!
vivia escondido aos cantos,
disforme, esqualido e nu!

Entre motejos protervos,
desdens e affrontas mortaes,
era o ludibrio entre os servos,
o pária entre os seus eguaes!

Seu pae pensára em matal-o
e dal-o em pasto ao chacal!
se nem montava um cavallo
nem segurava um punhal!

Mas foi disputal-o á morte
sua mulher, Sundorem,
e Deus protegeu-lhe a sorte
nos braços da pobre mãe.

IV

Havia um brahmine, um velho,
no palacio do rajá;
Na casa onde um velho está
não falta amor nem conselho.

E elle era sabio, elle só,
lia, escrevia, contava,
e toda a casa adorava
o velho Sinaï Dempó.

Lembrou-se um dia... (Lembranças
que lhe não foram bem pagas)
d'ensinar nas horas vagas
lêr e escrever ás creanças.

— Recolhe a proposta insana,
lhe disse o feroz Vassu,
bastas para sabio tu,
que explicas o Ramayana.

De mais me parece já
que o teu treslêr me adormeça;
mando espremer-te a cabeça
se os enfeitiças! vê lá! —

Da sentença iniqua, avára,
sentiu-se o brahmine, emtanto,
ouviu soluçar a um canto
Dippu, que tudo escutára.

— Vem, lhe disse o velho a medo,
se queres ser homem. — Vou! —
O que entre os dois se passou
foi muito tempo segredo.

V

Annos depois, mortifera
a guerra de cem povos
troava sobre os pincaros
do velho Malabar;
os Gattes accenderam-se
e cada dia novos
petrechos, trens e exercitos
se viam desfilar.

Nobre Vassu, apresta-te!
sus, sus! tudo a cavallo,
que a lava desce rapida
ás sombras de Quiulá.

Todo o Concão em fremito
escuta o immenso abalo,
que vae da serra inhospita
ao baixo Canará.

O tigre espreita pavido,
silva a capello altiva,
e o palmeiral recurva-se
ao sopro assolador;
Cabo-de-Rama, o asperrimo,
as torres d'Angediva,
Saunt-Varim, o indomito,
Carwar, Alorna, Onor,

Griem Pondá, innumeras
cidades e muralhas
têm dasabado aos impetos
da bronzea multidão;
sus, sus, Vassu, apresta-te!
o vento das batalhas
dos torreões no vertice
arranca o teu pendão!

VI

Como a tromba marinha, os tufões horridos,
chuvas de raios, temporaes do oriente,
a guerra alli passou.
Da assolação, do cataclysmo ingente,
ruinas côr de fumo em ermo inhospito,
eis tudo o que ficou.

Do vencedor nos subterraneos lobregos
jazem acorrentados os senhores
da vencida Quiulá;
resta o pária, curtindo as suas dores,
reptil das ruinas, e, assassinado, o brahmine!..
Dippu carpindo está!

VII

— Mestre, quero ir-me comtigo
morrer na tua fogueira!
eras-me pae, mestre, amigo,
e eu não pude dar-te abrigo
na tua hora derradeira!

Não me matar tonto abalo!..
Vêr minha mãe algemada!
Meu pae... Não poder vingal-o!..
Não sei montar um cavallo!
não sei brandir uma espada!

Ó mestre, embora de rojo,
vaes nos meus braços, espera!
sou como a fera, o meu fojo
é bem que fique de nojo
até que venha outra fera.

Como ficou hirto e duro
teu braço encostado ao peito!
Que tens n'esta mão seguro?..
Vejo um pensamento escuro
no teu gesto contrafeito!

Que é isto! um livro guardado
como um thesouro em teu seio!
e c'um dedo regelado
tens-me um logar apontado...
Meu Deus! que é isto que eu leio?

E leu: — «Por detraz da fonte,
ao pé da estatua truncada,
existe um marco, e defronte,
cinco passos para o monte,
uma arca d'ouro, enterrada.

Se um dia a magra pobreza,
a mãe dos negros horrores,
se assentar á tua meza,
lá tens immensa riqueza
no cofre dos teus maiores. » —

— Oh! meus irmãos, bradava o pária em lagrimas,
meus paes, meus paes, que inda vos torno a ver!
bem hajas, mestre, e ia abraçal-o sofrego;
bemdito és tu, que me ensinaste a ler! —

VIII

Pagou-se o grão resgate aos vencedores, principes
de Corga e Punganor, e attonito o rajá
viu que a prisão lhe abria aquelle pária esqualido
que um dia quiz matar nos paços de Quiulá.

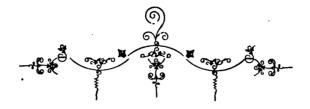
Meninos, sobre a terra é tudo, tudo ephemero,
cidades, bastiões, thesouros e poder;
faz-se a opulencia pobre, a heroicidade emerita,
só vive sempre e cresce o próvido saber.

Quando o rajá Vassu, livre do escuro ergastulo,
todo o segredo ouviu, do pobre semi-nu,
disse co'as mãos no peito, a voz e os labios trémulos:
— Ó brahmine, perdôa! Escuta-me, Dippu:

Em premio de tanto bem,
Sei que este dom te consola,
faz' d'esta casa uma escóla
e ensina-me a ler tambem.

Gentio, mouro ou christão,
grande ou pária, o mundo inteiro!
sob o meu tecto hospedeiro
venha escutar-te a lição!..

Morreu, bemdito o rajá.
Esta é a unica riqueza
que, se enriquece a pobreza,
mais enriquece a quem dá.

Louroza de Besteiros, maio de 1872.

A VELHA GÔA

Eis a cidade morta, a solitaria Gôa!
seis templos alvejando entre um palmar enorme!
eis o Mandovy-Tejo, a oriental Lisboa!
onde, em jazigo regio, immensa gloria dorme.

Torres da cathedral! que lugubres sonidos
manda o sonoro bronze aos ecos da floresta?
e a coma da palmeira a modular gemidos,
como se um funeral passasse em torno á festa!

Ó musicas, tangei! retumba, artilheria!
Ó multidão, acclama o viso-rei que passa!
cáe, flor, do tamarindo! a rua é tão sombria!
cajueiro, deixa ao sol que inunde a immensa praça!

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Que fazes tu de pé, arco das grandes eras?
que te sustêm no ar, abobada que scismas?!
passaram para nós as floreas primaveras,
as musicas da gloria, a luz dos aureos prismas.

Portico arrendilhado, orgulho da espessura,
tão pobre, velho e nu... cobri-o trepadeiras!
deixae-vos afundir no oceano de verdura
que sóbe e cresce e abysma as grimpas derradeiras!

Jaz em tristeza immersa a tetrica cidade!
o turbilhão dourado, o estrondear da festa,
envolve-os em seu crepe a mistica saudade
e abysma-os no mysterio a pávida floresta.

Gentio triste e nu que paras e que pasmas
de vêr pisar sem bulha as virides alfombras:
a gala na soidão é brilho de phantasmas,
a festa n'um deserto é voltear de sombras.

Nós somos do passado a timida memoria,
buscando os seus avós no palmeiral funereo,
que apenas sobre-doura um tenue alvor de gloria,
como de fatua luz se esmalta um cemiterio.

D'aqui a pouco, á noite, hão de entoar os ventos
na sonorosa palma um cantico plangente,
e projectar-se ao largo as sombras dos moimentos
ao pallido clarão da lampada doente.

Serpes d'ardente olhar, tigres de crina hirsuta
darão á sacra selva, em seu voltear medonho,
scenas de immenso horror, sons de selvagem lucta;
vertigem vista á luz fantastica d'um sonho!

Rajás de Bisnagar, a vossa Gôa é nada!
filhos de Siva-Ray, é sombra o vosso imperio!
a flor do Mandovy cáe murcha e desfolhada!
a filha d'um jardim tapiza um cemiterio!

Memorias!.. Nada mais, sombrios monumentos!?
Saudades?.. oh! não basta, homericos vestigios!
Remorsos?.. mas são vis e estereis os lamentos!
Esp'rança!—eis o segredo, a vara dos prodigios!

A esperança é fonte e sol, manancial e origem;
Deus sabe quando finda a serie dos tormentos;
nem sempre a cerração e a pallida vertigem.
Esp'rae por honra nossa, altivos monumentos!

Nomes que tanto ergueu a tuba, a lyra, a historia,
Pachecos, Albuquerque, Almeidas, Gamas, Castros,
Silveira, Alorna, Mello e tanta e tanta gloria
devem erguer-se á luz de mais propicios astros!

Mas se o formoso sol que a minha mente sonha
não rompe a cerração nem calma adversos ventos,
roubando-nos á luz poupae-nos a vergonha!
caíde sobre nós, heroicos monumentos!

JULIA *

— Ficas-te á beira do mar
tão cedo cançada! ai! triste!
ergue-te, vamos! já viste
a immensidade a arquejar;

um gemido enorme, enorme
n'este deserto sem fim;
agora encosta-te a mim,
chega-te ao meu seio e dorme!

* D. Julia Xavier Lopes Vieira, morta na flor dos annos, na praia da Nazareth.

O vento é frio e tem ais,
filha, de fazerem medo!
uiva nos vãos do rochedo
e silva nos areaes.

Tuas irmãs, pobres d'ellas!
esperam, loucas, por ti;
Júlia, saiâmos d'aqui!
é noite: olha essas estrellas!

— Olho, e ao vêr o que é sem fim
queres saber no que eu scismo?
que a immensidade é o abysmo
e está chamando por mim;

que d'essa cupula accesa
descem dos astros, a flux,
fios de prata e de luz
e que em seus nós me acho preza;

que o teu filho, o meu irmão,
que á vida fugiu tão cedo,
para dizer-me um segredo
me chama, estendendo a mão.

Mãe, que tanto me sorriste,
adeus!.. Faz tamanho dó!
nós tantos... e elle tão só!..
No céo mesmo ha de ser triste. —

E abriu-se, no céo negro, um sulco luminoso
e ella despareceu no amplo seio ethereo,
e ouviu-se um longo choro e um cantico mavioso,
além, no cemiterio.

A ANTONIO PEDRO

Eil-o! o Proteu da scena, o portentoso nume,
que nos faz compungir, amar, sorrir, chorar!
o que os arcanos da arte em si todos resume
e diz... como elle os diz!.. ás vezes sem fallar!

— D'onde veio? — Inquiri das lucidas espheras!
— Onde vive? — Ninguem vos diz que o viu jámais;
é como um sonho bom de próvidas chimeras,
que argenteo nimbo envolve em mundos ideaes.

— Quem o creou? — O genio. — E a arte quem lh'a ensina?
— O fogo que tem dentro e a luz que vem dos céos.
— Quem o guiou aqui? — O acaso... o instincto... a sina,
que alguns chamam condão e os crentes chamam Deus.

Quando se accende o palco elle apparece e brilha;
quando esta luz se apaga, elle se esconde e esvae;
debalde busca o mundo a senda que elle trilha
e á porta espreita em vão por onde elle entra ou sáe.

Hoje, que no seu templo é sacerdote o nume,
flores, chovei sobre elle! applaude-o, multidão!
laureia a fronte accesa em sacro-santo lume!
É-nos dever saudar as glorias da nação.

NOITE

Da noite o véo se corre
e o astro bom se apaga;
faz-sè luz fatua, a vaga,
phantasma negro, a torre.

....

Que alvorecer tão ledo
para tão curto dia!
Enlevos de poesia,
porque fugis tão cedo?

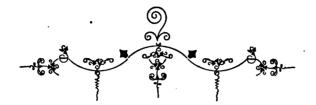
Scismo, blasphemo, exoro,
e a sina sempre escura!
Se é nuvem, como dura!
Se luz... que meteóro!

Deixar caír o açoite;
deixar cortar a face.
O triste quando nasce
busque a sua mãe — a noite.

A noite, sim, responde
ao timido vagido;
a noite é irmã do olvido,
a noite é boa — esconde!

A luz espanta o pobre;
o dia inflamma a chaga;
a noite vem, e apaga;
palpa a nudez, e cobre.

É só, ama a orfandade;
é pobre, ama a pobreza;
é muda co'a tristeza,
e chora co'a saudade.

Bem hajas, pois, ó noite;
carpido hei já de sobra;
vá, boa mãe, desdobra
o manto em que me acoite.

JOANNITA*

Feliz de quem, vendo estrellas
ao pôr do sol da existencia,
alando-se á etherea essencia
vôa, vôa para ellas.

Feliz d'esta que, vidente,
disse, na hora em que morreu:
— Mãe, como chamam no céo
quem vae da terra innocente?

---

* Via, a criança moribunda, uma estrella que a guiava para o céo.

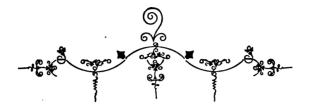
— Anjo, filha, o que tu és...
Deus! que febre em que te abrazas!
— Anjo, mãe? Olha estas azas,
que eu tinha escondidas! vês?

E a mãe, erguendo a cabeça
ao céo azul tão deserto:
— Jesus! Não queres decerto
que a pobre mãe endoideça?!

Ouve, escuta-me, Joannita,
boa, linda, meu amor!:
comprehendes bem este horror?..
— Eu era boa e bonita,

mas a tua filha morreu!
Vês esse astro como brilha?
— Será nos meus olhos, filha!
— Talvez, mãe, que tudo é céo.

Se as tuas lagrimas bellas
assim me alumiam tanto,
bemdito seja o teu pranto,
que vale mais que as estrellas. —

A mãe repetiu: — Jesus! —
E ella, erguendo-se de leve,
abriu as azas de neve,
e foi seguindo essa luz.

ENLUTADA

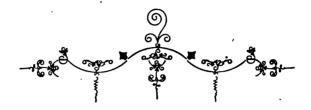
Desdem que me entristeces,
sorriso que me alegras,
se fulges, sol, e desces
por entre nuvens negras!

cobre-te a noite, o inverno,
e é luz o teu sorriso,
porque ha de um luto eterno
fechar-te, paraizo?

Tu és como a tormenta
de célicos fulgores;
nessa negrura isenta
ha temporaes e amores.

Nuvem que te illuminas
com luz que cega e mata,
minh'alma, se a fulminas,
cáe... a adorar-te, ingrata!

RESPHA

Entre os cyprestes funebres,
no leito do repouso,
dorme, querido esposo,
que eu vélo sempre aqui;
em vida, ao pé do tumulo
que aqueço com meu pranto,
morta, e desejo-o tanto!
lá dentro ao pé de ti.

NA CASA DE CORRECÇÃO

— Creança! que triste aurora
a tua infancia não é!
vejo esmorecida a fé
nessa pallidez que chora!

Vadio! dormir deitado
na lama dos tremedaes!
— Senhor, eu não tenho paes
nem casa.
— Oh! pobre engeitado!!

. . . .
. . . .

E é a Justiça, filhos meus,
que em seu mandato sublime
vos faz da miseria um crime!..
E ha quem vos não queira, ó Deus! —

CALVARIO

(IMPROVISO)

Vi, n'um sonho luminoso,
um quadro, que era um calvario;
não via um monte, ao contrario,
era um val' fundo, abrigoso,

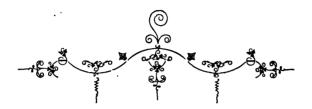
d'uma esphera bipartida
entre os dois globos jucundos.
A dominar esses mundos
havia uma cruz erguida.

Aquella cruz... eu jurava,
meu Deus, que não era benta!
essa o demonio afugenta,
e aquella, que eu vi, tentava!

Pois benta ou não, muito embora,
n'esse calvario adorado,
eu era... um ladrão! pregado
n'aquella cruz tentadora.

Só, por mostrar bem deveras
á terra um desdem profundo,
voltava as costas ao mundo
e expirava entre as espheras.

Lembra o meu sonho attrahente
a cruz que trazes no seio.
Uma esphera aberta ao meio,
no meio o signal do crente.

E não repelle, ao contrario,
a tua cruz tentadora.
Todo o ladrão se enamora
da morte... n'esse calvario.

HOSANNA FILII DAVID

Lançae palmas no chão, filhos do rico oriente,
juncae a via-sacra ao Rei Omnipotente!

A próvida palmeira é a arvore de Deus.
Dão sombra á terra sancta os verdes corucheos
que formam pavilhões sobre a convulsa areia,
mostrando no deserto as fontes da Judeia.
Tem palmas Nazareth, tem palmeiraes Bethlem,
o Egypto, Gericó, Cannaan, Jerusalem.
O « Avè », saudação dos divinaes amores,
ouviu-o: a luz no occaso, uma palmeira e flores.
A palma é scismadora, é filha das soidões,
e o ermo a Deus apraz. O brilho, as multidões,

são para os outros reis, não para o Omnipotente.
As palmas são de Deus, e Deus é do oriente.

Cale-se da mesquita o altivo minarete
e o botto no pagode. A luz que se reflecte
e a augusta voz que vem do templo de Jesus,
abafam todo o som e offuscam toda a luz.

Christãos da luza egreja!.. ó restos d'outras eras
em que mandava a patria, em tumidas galeras,
por mar aparcellado, ignoto e infindo, além,
germens ao grande berço, alento á grande mãe,
á forte, brio e heroes, galas á gran senhora,
Deus ao paiz de Deus, luz ao paiz da aurora!..
Christãos da luza egreja, ó lucidos padrões,
fazeis orgulho e pena aos nossos corações!..

. . . .

Christo, bem vês, nasci no povo, outr'ora, eleito;
quando transborda a mágoa, os ais brotam do peito.
No seio portuguez que saiba crêr e amar
tem um altar a patria ao pé do teu altar.

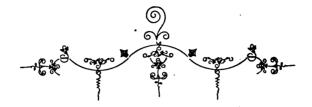
Christãos da luza egreja, o dia dos hosannas
é hoje. Eia! deixae, pobrinhos, as cabanas.
O cajueiro esconde a porta do garath
e a rubra bengalina as olas cobrirá;

vinde sem medo, ó mães, que afasta a Providencia
as feras e os reptis dos berços da innocencia....
Vossos filhos trazei! que os banhe esse esplendor
que esmalta e que illumina a fronte do Senhor.
É bem que inda na infancia aprenda a humanidade
a respeitar, a amar, a crêr na divindade.

O filho de David, o justo, o manso, o bom,
o que tem voz que enleva e olhos de tanto dom,
que espraia ondas d'amor quando nos vê ou falla,
que á adultera perdôa e salva a de Magdála,
que diz ao cego: — Vê! — e ao aleijado: — Vae! —
que faz o bem, submisso, e em nome de seu pae,
que chama para si o pobre e os pequeninos,
como licção aquelle, a estes como uns hymnos
que cantam do futuro uns sons que entoam sós
os anjos do Senhor e da innocencia a voz,
o que á grandeza disse: — A tua mão esmaga
os filhos de meu pae! repara em tanta chaga!
são golpes que tem voz e voz que brada ao céo;
entre o teu braço e o fraco, attenta, hei de estar eu! —
Aquelle que promette o pão de cada dia
ao homem como á ave, o filho de Maria,
o que é conforto, exemplo, esp'rança, impulso e luz,
o que provoca os maus co'a mansidão, Jesus,
Jesus vae hoje entrar na Jerusalem santa!
vem, corre, christandade, espalha as palmas, canta:

—Hosanna ao grande humilde, hosanna ao mestre, ao Deus! —
Cantem-lhe hosanna em côro o mar, a terra, os céos.

Em breve heis de chorar, quando a relé d'ingratos
o condemnar, sem dó, ao vilipendio, aos tratos;
quando vos projectar a moribunda luz,
nas varzeas e no mar, a sombra d'uma cruz.

Gôa, 1870—em Domingo de Ramos.

NO BUSSACO

Querida, sob estas arvores,
onde o sol penetra a medo,
que em sua linguagem mystica
nos dizem tanto segredo,

onde a lua, a etherea lampada,
que nas folhas se recorta,
nos deixa vêr, entre canticos,
a face tão meiga e morta,

é doce, nos longos extasis,
em que a soidão nos esquece,
chamar, de longe, um espirito,
mandar, distante, uma prece.

A minha foi longe e ouviram-me;
vejo-te! sonho ou verdade,
sinto em mim celestes jubilos!
Eu devo muito á saudade.

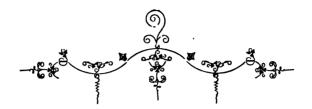
Olha, escuta, aspira, expande-te;
canta ou chora, eu dou-te o exemplo;
ama! o bosque é denso e rumuro!
ajoelha! estamos n'um templo.

Gloria a Deus que nos fez minimos
como os insectos do monte;
manda amor e o peito alarga-se,
não cabe n'este horisonte.

IMITAÇÃO D'UM ROMANCE INGLEZ

Vi-te um dia e fugiste, miragem,
como em sonho romantico e vago,
barco ao longe, cortando a paisagem,
voga e foge nas aguas d'um lago.

Nunca mais te esqueci, nem já agora
tenho espr'anças da pristina calma.
Onde vives, ó fulgida aurora?
Quem és tu, doce enlêvo d'est'alma?

Nada sei! porém, juro... Ó destino!
que trocára do céo a ventura
pelo horror do teu fado mofino,
pelo inferno da tua amargura!

MAL PECCADO

Vi hoje o teu retrato, e por signal
que o desejava ter.
Se á copia corresponde o original
és bonita, a valer.

Os teus olhos são bellos e são bons
e o teu corpo é gentil.
Que promessas, meu Deus, de tantos dons
em tão florente abril!

Mas que me inspira a mocidade, a flor
dos roseos madrigaes?
saudosa inveja! o ignobil, o peior
dos peccados mortaes.

MORTA

AO MEU PRESADO AMIGO ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

Ella morreu? pois d'ella nada existe?..
Triste do sêr que só na vida colha
os resquicios da flor que se desfolha
e o riso que desmaia! Ai! triste! triste!

Que tudo o que eu amar logo se extingue!
No esmerado jardim dos meus amores,
que nem uma só flor, de tantas flores,
hei de vêr e querer, que vice e vingue!

Que sina é pois, meu Deus, a minha sina?
parece que ando sempre adstricto á morte!
fujo do que é vivaz, alegre e forte,
busco tudo o que chora e a fronte inclina!

Mais quero ao pôr do sol que á rosea aurora,
mais que ao botão acceso, á flor que pende,
mais que ao peito que lucta, ao que se rende,
mais que ao riso feliz, á voz que implora.

Não sei que tem a pallidez do outono
e o fremito das folhas desbotadas;
lembram-me, em noites no prazer passadas,
um sonho de ternura, antes do somno.

Alguma cousa vaga e transparente
que enlaça co'a visão a realidade,
que afaga e que sorri, mas faz saudade,
porque enche d'agua os olhos do vidente.

Eu vi-a, e senti na alma que a adorava.
Que fragrancia, que flor, que mocidade!
é que a mystica luz da eternidade,
já da entre-aberta campa a illuminava.

E eu, louco ante visão tão pura e bella,
nem vi, em tanta luz, sombra de morte;
nem me lembrei da minha ingrata sorte,
e eu sabia que amal-a era perdel-a.

Adeus! Se existem céos e eternidade,
lá nos veremos no paiz risonho.
A vida é transitoria e a morte é sonho.
Eu creio nas promessas da saudade.

VESPER

Aquella estrella vivida
primeira que no céo rutila e brilha,
é feita d'um sorriso e d'uma lagrima!..
Ó minha mãe, parece tua filha!

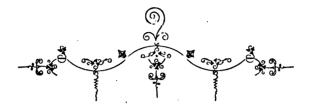
Nasce junto do occaso, ao pé do tumulo;
fulge um momento, candida, louçã;
é tão modesta e triste e meiga e ephemera!..
Estrella, és minha irmã?..

Se o fores, dize ao seu gentil espirito
que me vês dia a dia, e que eu tambem
ardo em saudades e devoro lagrimas
por vêr a minha mãe!

5 de outubro de 1879.

A UMA AGUARELLA DE VICTOR BASTOS

Filho e mãe... Quadro eloquente!
A mãe chega o filho ao rosto
co'a mão sofrega, tremente,
para apagàr-lhe um desgosto
    que o faz chorar.
    . . . .

Se nos olhos d'esta mãe
o meu sentido concentro,
conheço, no obliquo olhar,
que está seu filho a mirar
no espelho que tem lá dentro.

SCENA D'UM DRAMA INEDITO

(N'UMA PRISÃO DOS ESTADOS-UNIDOS DEPOIS DA TOMADA DE RICHMOND)

TOMPSON E MARY

É de manhã cedo. Mary, com a cabeça entre as mãos, encostada a uma meza, parece dormir; Tompson observa-a, a pouca distancia, em attitude respeitosa.

Tompson

(A meia voz)

Miss Mary!.. Senhora!.. Dorme
talvez, ou chora em segredo;
não ouve, não vê, não falla.
Vá, Tompson, corre a acordal-a
do seu pesadelo enorme.

(Dá alguns passos e suspende-se)

Não! é melhor... Tenho medo.
Quem sabe o que ella me esconde?..
Dorme serena... mais vale;
talvez algum sonho a embale
nas glorias de Richmond.

Mary

(Sem mudar de posição)

Tompson!

Tompson

Miss Mary!

Mary

Vem cá.
Pensava em ti.

Tompson

Mal peccado!

Mary

Queres-me muito? é verdade?

Tompson

Mary!..

Mary

Meu pae onde está?

Tompson

Alli!

(Aponta um quarto á direita)

Mary

Coitado! ai, coitado!

Tompson

Suspiraes?

Mary

É de saudade;
é pena d'elle... e de ti.

Tompson

De mim?

Mary

De ti. Se tu visses
as visões que eu tive agora!
Ha uma hora... ha quasi uma hora
que eu vejo cousas tão tristes!

Tompson

Vistes, miss Mary?..

Mary

Eu vi
todo o sul em luto immerso!
calada a voz dos tambores,
calado o trom dos obuzes!
todas as casas sem flores,
todos os templos sem luzes.
Campa o que ainda hontem foi berço!..

Tompson

(Com muito amor)

Senhora!

Mary

Por que te affliges?
Nada receies por mim;
não me vês rir, meu amigo?
pois quê? tudo isto, por fim
era visão que passou.
Mas, ouve já agora tudo:
Sobre um tapete de mortos,
em cortejo funerario,
eu vi Davis...

Tompson

(Interrompendo-a e olhando para a direita)

Basta, Mary!

Mary

(Continuando, mas abaixando a voz)

Pompa d'um martyrio mudo
no horror de sinistra calma!..
A ignominia d'um calvario,
calvario sem redemptor!
martyr sem c'rôa nem palma!
cruz insultando outra cruz
no aleive do seu pregão!
a de Christo diz: — amor! —
e esta brada: — escravidão! —
Vês? insultaram Jesus!

Tompson

(Corre a escutar á porta da direita e volta)

Nada ouviu. Fôra matal-o!

Mary

Não vês que fallo em segredo?
e ainda dorme. É tão cedo...

Eu vi romper a alvorada.
Vinha tão triste e cançada,
tão cançada, e não dormi.
Tompson, por fim Deus é justo
e ao dar a victoria ao norte
livra do poder do forte
o escravo, que é nosso irmão.
Eu submetto-me, sem custo!
devia dizer: contente;
mas a tua Mary não mente
e é triste o meu coração.
Vaes ser livre!.. Ouviste?

Tompson

Ouvi.

Mary

E não te alegras?

Tompson

Porque?

Mary

Triste velho que não vê
a aurora que lhe sorri!
Não! é que viste, decerto,

em mim, como em fonte pura,
que sinto pena e ventura:
ventura porque és liberto,
pena de ficar sem ti.

Tompson

Miss Mary, mandaes-me embora?!

Mary

Tompson! a ti? cujos braços,
colo altivo e largo peito
me eram sombra, esteio e leito...

Tompson

Deixae-me fallar, senhora!
Eu já fui tronco robusto
e vós, flor, presa ao meu seio;
hoje sou... pobre de mim!
hera que me arrasto, a custo,
e vós, o florido arbusto
a que me encosto e me enleio.
Ha de mondar-se o jardim
e eu caír morto no chão
dentro do vosso canteiro.
Daixae vir o jardineiro
e elle me arranque! vós, não!

Mary

Tompson, tu não me entendeste!
somos aqui prisioneiros
e a sorte da guerra é crua.

Tompson

Mary, a noite é muito agreste.
De noite, um velho na rua,
morre!

Mary

Em vindo os carcereiros
tu has de ter liberdade.
Santa a voz da caridade
dictou leis no meu paiz.
Vence a regra do bom Deus!

Tompson

Mal haja a piedosa regra!..
embora venha dos céos!
mal haja a lei que tal diz,
e a mão que d'aqui me arranca!
Tenho a minha cara negra
e a minha cabeça branca.
Dae-me á cabeça nevada
a negrura de meu rosto,
e á minha cara tisnada

Dos meus cabellos a alvura,
e então dizei: — Vae-te embora!
és livre! — e eu vou-me á ventura,
mundos além; mas agora?..
É grande favor, por certo,
deixar-me, sem companhia,
alta noite, n'um deserto,
sem uma estrella por guia!

Mary

Tompson, crês que eu seja ingrata?

Tompson

Oh! não, miss Mary, isso não!
sei que esta saudade mata.
Sei que em dar-me a liberdade,
lançando um velho ao monturo
se falta, chorando o juro!
á justiça e á caridade!

Mary

Eu e meu pae somos réos...

Tompson

Dizei que sou... vosso irmão.

Cumpris, dizendo a verdade,
a santa lei do bom Deus.

Mary

E se ainda o poder mais forte...

Tompson

Fallarei eu, mais ninguem;
direi que sou réo tambem,
e réo que mereço a morte.
....

CARTEIRA DE VIAGEM

Á ILL.^ma E EX.^ma SNR.^a

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

«Nós patriæ fines et dultia linquimos arva».
VIRGILIO.

I

Eis-me chegado a Gôa, ao nobre senhorio,
que prestou feudo e preito aos inclitos varões.
Eis-me no Mandovy, o sacro-santo rio,
que viu surdir, tremendo, os lusos galeões!

Não sei que sacro horror o espirito me opprime
desde que veio a noite e a muda solidão!
Crêra que vão surdir-me espectros d'algum crime
banindo os viso-reis dos paços do Hidalcão!

Pois que silencio é este? Ouvis-me, altos senhores?
retratos que me olhaes, sombras dos meus avós?!
Mostrae-me o vosso imperio, ardidos lidadores!
Epopeias, heroes, Camões, onde estaes vós?..

....

Que mysterios não ha do mundo na existencia!..
Vêr Gôa, tendo visto a ingente Bombaim!!..
Lá fulge Babylonia, em plena florescencia,
aqui Pompeia jaz, sepulta n'um jardim!..

Como é fugaz a gloria e como Deus castiga!!..
Longe, para bem longe, ingratos sonhos meus!
Vou conversar comtigo, ó minha doce amiga.
Vôa, meu coração, vôa para outros céos!

II

Que fazes tu nest'hora? aqui da noite o imperio,
ha muito, ha muito já, cobriu a terra e o céo,
e eu sei que o sol dardeja além, n'esse hemispherio,
'traz da cortina d'ouro onde se me escondeu.

Que fazes tu, senhora? ha flores no teu monte?
aqui o inverno chega, o inverno dos vulcões,
soturno e quente assoma ás orlas do horisonte;
vejo-o relampejar e escuto-lhe os trovões.

Hoje... ámanhã talvez, o bello céo indiano
toma-o a cerração e adeus cantos e soes!
cala-se o muruoni, rompe o diluvio insano;
e tu com céo e aroma e luz e rouxinoes!

É justo, é justo! esse quadro
diz tão bem á tua imagem!
Eu sou como a cruz d'um adro,
tu, como a flor da paisagem.

A ti, as rosas fagueiras;
da primavera o concerto;
a mim, as tristes palmeiras,
que são chorões do deserto.

Terra em flor e mar-espelho,
á ti, que esmaltas e alegras;
para mim, solo vermelho,
mar cavado e nuvens negras.

Eu tenho o coração forte,
e o rosto sereno e enxuto;
apraz-me luctar co'a sorte;
fico vencido, mas lucto.

Deixando as praias tão ledas
d'essa patria feiticeira,
não vim á terra dos Vedas
buscar a mancenilheira;

trazia-a plantada n'alma,
essa filha da má sorte,
que abriga a tristeza calma
nas suas sombras de morte.

Tem a *acerba* crueldade
d'um seio amante e doente;
chama-se-lhe lá: saudade;
é *deliciosa e pungente.*

Onde ha conjuro que mude
o astro mau que me domina?
quem é que no mundo illude
as prescripções d'uma sina?

Eu para não ter, já agora,
esperança a que me acoite,
mal chego ao berço da aurora,
ergue-se o inverno e faz noite!

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

III

Passei triste e saudoso entre os folguedos
e as festas da alta *Villa Coronada;*
tanto divino olhar, rostos tão ledos...
Minh'alma é como a flor dos olivedos,

co'a sorte d'ella a solidão condiz;
vive nas castas sombras recatada,
que é singela, inodora e sem matiz.

A capital ruidosa,
essa febril vulcanica cidade,
que tem placares d'ouro em cada chaga,
que ri no Prado, e, conspirando irosa,
se condensa, medonha tempestade;
que folga, ama, doudeja e se embriaga
no delirio das festas sanguinarias,
ostentava á minh'alma deslumbrada,
entre horrores de crimes e loucuras,
epopeias de glorias legendarias.
O Circo... Mauregato... Torquemada
accendendo as *piedosas* labaredas
ao som do «Miserere» das clausuras!
e ao sinistro clarão que se prolonga
do templo ao paço e do palacio á choça
debruçam-se os heroes de Covadonga
dos muros immortaes de Saragoça!

. . . .

Confundem-se as edades e as distancias
nas mal distinctas brumas do horisonte.
O mar! mar que se agita em crebras ancias!..
Aventureira náo de pandas vêlas

domina esse infinito vago, incerto,
profundo, transparente, e de alterosa
voga, arfando, co'a prôa nas estrellas,
e perpassa no liquido deserto
sobre esteiras d'escuma luminosa.
D'onde virá? — D'um povo e d'uma historia
que não temem rivaes; chama-se: gloria!
— Onde vae? — Demandar mundos ignotos.
Soberba, entre rajadas e procellas
transporta luz e amor e Deus! não teme;
leva na prôa a fé, a esp'rança ao leme,
e immortaes semi-deuses por pilotos.
— Quem são? — É noite escura no convez,
mas descobrem-se á luz de cada raio,
da eminencia onde estão Cid e Pelayo,
os vultos de Colombo e de Cortez!

....

Nas memorias que o vento me trazia
em notas de longinqua serenata
mostrava-me, febril, a fantasia,
de pedra bruta e marmore e ouro e prata
informe construcção: monstro e prodigio:
paço, templo, museu, forte, clausura;
o portico romano; do poente,
de torre goda homerico vestigio;
ibera choça ao norte, sobria, escura;

balcões, banhos e ogivas, do nascente;
pendentes dos cunhaes bronzeas cadeias;
cobrindo esta miseria e este fastigio,
zimborios, minaretes, colmo e ameias!

Era a formosa Cordova? Seria!
e esse listão de prata que a beijava,
e esse jardim real que a perfumava,
era o Guadalquivir e a Andaluzia.

Dos salões orientaes vinham, a flux,
os perfumes de Smyrna e de Palmyra,
risos, suspiros timidos e luz;
e não se ouviam passos; quem ouvira
no alcaçar mauritano algum furtivo
pequeno pé mimoso, brando, esquivo,
das mulheres do harem — eden do amor
ou dos amantes seus e seus tyrannos,
se das lãs do Tibet, em Cachemira,
bordaram as tufadas alcatifas?
Mas a branda canção do trovador,
mouros, iberos, godos e romanos
ouviam das ventanas dos Califas.

Da guitarra sonora ao som plangente
cantava o menestrel, ebrio de amor,
e os ecos repetiam brandamente:

— Andorinhas saudosas,
na primavera
vêm, todas pressurosas,
pousar alli!
alli, n'essa janella,
onde eu quizera
vêr hoje a minha estrella,
que inda não vi!

Ide-vos, africanas,
dizer ao mouro:
— O alcaçar das sultanas
é triste e só! —
Dizei-lhe como eu chamo,
e as cordas d'ouro
se dizem quanto eu amo;
e ella sem dó!..

Quando a vejo nasce o dia!
e ao seu olhar e ao seu rir,
inflora-se a Andaluzia
e canta o Guadalquivir! —

Passava a lua cheia em céo azul,
e respondia ao canto namorado,
em canto suspiroso e demorado,
um arabe, no serro de Padul:

—Pobres de nós! quanta sanha
ergueu a fé contra a fé!..
E os alcaçares de pé!
e sempre brazões da Hespanha!—
. . . .

Soára ao pé de mim risada estranha,
secca, nervosa, cynica, estridente!
riso que fica n'alma e se repete
nas insomnias do espirito doente,
como o rir da loucura... ou da miseria!

. . . .

Antes do Mephistopheles de Goethe
rira-se o Mephistopheles da Iberia!

Era o genio que ria immerso em dôres
e as palpebras de pranto estavam cheias!..
Como a geada cresta e murcha as flores
este riso matára as epopeias!

Bem vês o turbilhão em que estas scenas,
a minha caprichosa fantasia
lançava, como em funebre registro,
no espirito cançado e merencorio.
Ao pé de tanto brilho eu era apenas
o convidado pallido e sinistro
nos festins delirantes de Tenorio.

. . . .
. . . .
. . . .

IV

Quando eu entrei no mar e a nave, inda ancorada
arfava, somnolenta, á espera da alvorada,
que emfim, do céo de Lacio, as rosas de Stambul
lançava a plenas mãos, ás virações do sul,
e joias d'Ispahan e arabicos perfumes,
e chuva d'ouro e prata, entre indecisos lumes,
olhei a terra! e alli voou meu coração!..
A terra!.. o ninho... o abrigo!.. e o mar, a solidão!
o temporal infrene! a voz que se não cala!..
A terra! o affecto!.. um pae que nos abraça e falla

de quando, pequenino, iamos perguntar
segredos da procella e elle mostrava o mar;
e que nos diz: — Vê bem! se vaes, n'esta orfandade
de duas mortes morro: os annos e a saudade!
e tu, que és meu abrigo, has de partir... Oh! vae,
mas leva, mundo além, as bençãos de teu pae. —

....

E ecos de tanta voz, senhora, que eu ouvia
chamarem-me ao remanso, á placida poesia,
á patria, ao bem-querer, ás galas do meu céo,
ás festas do talento, a tudo que foi meu!..
E o mar... e eu sobre o mar... e a prancha inda lançada
de bordo ao caes, á terra! á terra tão amada...
— É tempo ainda — pensei. Volvi á praia! Então...
A terra era o dever e o mar a tentação!
Venceu!.................................
....
....

V

Momentos depois, já dia,
sobre o empavesado esquife,
dobrava o castello d'If
o ousado pendão inglez;
d'além, dos Alpes nevosos,
vinha do nordeste a brisa
trazer-me aromas de Niza
ao silencioso convez.

Debruçado na amurada,
talvez por disfarçar magoas,
sorria ás inquietas agoas
e disse ao mar:—Salvè, mar!
tu, sim, que és grande e soberbo;
tu, sim, que és triste e selvagem,
e ora espelho, ora voragem,
sabes sorrir e matar.

Sorrir, não como as mentidas
caricias da humanidade,
sorrir como a divindade
e como a face dos céos;

matar sem prazer nem odio,
mas fatal como o destino!
sempre cantando o teu hymno
ás liberdades e a Deus.

Ó mar, porque hão de temer-te
os cançados da batalha?
d'espuma ou seda, a mortalha
tem sempre alvissima côr;
e a sepultura dos tristes
que esmagára o cataclysmo,
seja campa ou seja abysmo,
é sempre um asylo á dôr.

E os aureos sonhos que eu sonho!
e a febre que me devora
d'entrar no paiz da aurora,
no foco da immensa luz!
Seguir Camões e Bocage,
dois astros da luza historia,
e ir contemplar-lhes a gloria
abraçando a sua cruz!

Viver onde elles viveram
em glorioso desterro,
ir scismar no mesmo serro
onde ergueram seus padrões,

espraiar a vista ao largo
e achar os profundos traços
dos firmes, heroicos passos
dos nossos grandes varões.

Fallar ás sonoras vagas
dos galeões d'outras eras,
e d'essas frontes austeras
dos nobres do meu paiz!
Vós conheceis-me a linguagem,
argenteas ondas, é certo! —
Ria o ceruleo deserto
e eu vinha feliz! feliz,

como um soldado de Diu,
um marinheiro do Gama,
um bravo a quem cinge a fama
aureola que não se esvae!
Dentro do meu peito inquieto
sentia um tão grande alarme
como se fossem armar-me
cavalleiro no Sinai.

. . . .
. . . .

VI

Passando no deserto,
e apoz, no mar vermelho, eu perguntava:
— Onde está Memphis? Tyro ha de ser perto...
Babylonia era além, e além campeava
a soberba Palmyra. —
Um tenente inglez que tudo ouvira:
— Morreram, disse, é certo,
mas esperae um pouco e eu vos prometto
que as heis de vêr a todas reunidas.
— Como? vós dareis vida ao esqueleto
das gigantes ruinas, escondidas,
ha tanto, sob a terra?
— Oh! se m'o permittis, darei por mim
uma assombrosa fada: a Inglaterra. —

Passado o mar d'Oman,
ao despontar de limpida manhã,
Mostrou-me, no horisonte, Bombaim.

VII

Dias depois, n'uma planicie immensa,
junto á bahia, em frente de Elephanta,
vi uma estranha multidão, suspensa
dos acordes de musica europeia.
— Que vos parece? disse o inglez.
— Que espanta.
— Oh! sim, deve espantar-vos, faço ideia,
o brilho estonteador d'este espectaculo,
de que não ha segundo,
que é Bombaim o *rendez-vous* do mundo.

(N'isto corou... d'orgulho, ou... emfim, talvez
d'este descuido de fallar francez).

— Aqui vêdes, tornou, armenios, persas,
europeus, yankees, o china, o mouro,
o esraelita, as raças mais diversas,
e os typos mais distinctos e selectos,
desde a lanuda absynia, d'olhos pretos,
até á ingleza, de cabellos d'ouro.

As grandes, vetustissimas cidades,
por que inda choram tanto o Nilo e o Euphrates,

resurgiram aqui, ao pé dos Gattes,
Na moderna Babel. Todos os ritos
aqui téem o seu templo; as linguas todas,
interpretes; os mais bizarros trajos
encontrareis por'hi a frouxo e a flux
ostentando-se em meio dos andrajos
de *jogues* vis e párias semi-nus.

Cosmopolis é aqui; aqui o mundo
incognito se encontra, aqui se entende;
folga, estuda, trafica, lida e ama,
inventa, lucta, pede, instiga, emprehende,
offerece e pregôa.

Attentae n'este vasto cosmorama
e achaes de tudo quanto o mundo abrange!..

Que dizeis?
— Que a minha alma se confrange,
e anceio vêr a minha nobre Gôa.
— Gôa... já não existe... ou existe aqui.
— Com quê, vós tendes a attracção do abysmo?!
lhe disse eu, e sorri:
Meu bravo inglez, olhae bem para mim
e dizei-me, sem falso patriotismo:
quando tereis perdido Bombaim?
— Sois um louco, um poeta, a Inglaterra,
como a tromba-marinha, absorve e assola;

e ás vezes nada póde a mór cautela.
Conheceis o tufão?
— Creio-o frequente na indiana terra,
que em tudo, o bom e o mau, é grande e é rica,
e hei de vêl-o... o que pouco me consola;
mas, voltemos áquella
sagaz comparação, que tanto explica:
D'essa tromba-marinha que vos fica
apoz a inundação?

....
....

Gôa, maio de 1870.

O TEAR DA RAINHA

A MISS SYDER

Se eu encontrasse, querida,
mulher como esta mulher,
dava-lhe, para tecer,
os fios da minha vida..

I

Referem lendas que eu sei,
lendas que inda hoje amo tanto,
que havia na Grecia um rei
e uma rainha,.. um encanto!

Elle era a fera altanada,
ella era a flor d'um jasmim;
elle tinha lança e espada,
ella, um tear de marfim.

Um, a coragem que impelle,
outra, o candor d'uma estrella!
e ella era doida por elle,
e elle era doido por ella!

Lembrou-se um dia um pastor...
E ri d'isto a gente nescia!
inda hoje faz d'isto o amor,
aqui, na India e na Grecia;

lembrou-se, oh! sancta simpleza!
n'uns sonhos que lá sonhou,
de roubar uma princeza!..
e o certo é que a roubou.

O que não refere a lenda,
nem eu indago tão pouco,
é, n'esta doida contenda,
qual d'elles foi o mais louco.

Pois nunca mais houve paz
nos confins da Grecia amena!
Isto é que hoje se não faz
e rouba-se muita Helena.

—Troia—era o grito de guerra,
—Guerra—era o hymno da grey,
e os moços d'aquella terra
lá vão, e as frotas e o rei.

Já mar em fóra vogava
a régia armada arrogante,
inda a rainha chorava
no seu erguido mirante.

Que amor, não dirieis vós,
em meio de tanta magoa,
labios, tremulos sem voz?
olhos desfeitos em agoa?!

II

No eirado a encontrava o dia
e o pôr do sol a encontrava;
nunca um raio d'alegria
aquelle rosto ameigava!

Os seus olhos eram sondas,
e em horas de tempestades
ficava-se a olhar as ondas,
e a conversar co'as saudades.

Dava os cabellos aos ventos,
o coração á procella,
os ouvidos aos lamentos
que vinham fallar com ella!

E debruçada, anhelante,
do peitoril de granito,
sondava o sêio arquejante
das solidões do infinito.

Se vêla rota em pedaços
affrontava o cataclysmo,
tentava, agitando os braços,
voar atravez do abysmo.

....

Era a incessante fadiga
d'uma esperança d'amores!
Um quadro da Grecia antiga
pintado entre mar e flores.

III

Após annos, que nem sei,
chegaram áquella terra
muitas noticias da guerra,
porém, nenhumas do rei.

Só que, mais que cem batalhas,
a sua astucia fatal
vibrára o golpe mortal
de Troia ás nobres muralhas.

E isto, com brio sincero,
da Grecia aos povos dispersos,
cantava em épicos versos
um cego chamado Homero.

E a rainha a perguntar
se o viram livre ou captivo,
se era morto, se era vivo,
se andava em terra ou no mar?

E uns diziam que vivia,
outros, que o viram morrer!
E a triste a crer e a descrer
cada noite e cada dia!

Fosse verdade ou chymera
do seu coração absorto,
o povo dizia: — É morto; —
e o mar dizia-lhe: — Espera. —

Por isso ella olhava o mar
ao seu mirante encostada,
e ouvia a onda e a rajada
com tentações de voar...

IV

Passaram annos, mais annos,
e o interesse da grey
exigia da rainha
que o reino tivesse um rei.

E instavam-na os pretendentes,
ciosos, loucos d'amor;
e ella calada, em sorrisos
disfarçava a sua dôr.

Oh! feliz da obscura amante
que não escuta ninguem!
mas a triste era rainha,
e ser rainha é ser mãe.

Foi-se uma noite ao mirante
as ondas a olhar a olhar...
Ninguem sabe o que lhe disse
n'aquella noite o seu mar;

mas no outro dia depunha
os seus lutuosos sendaes,
e havia sarau de festa
nos velhos paços reaes.

V

A côrte exultou de jubilo,
o povo ergueu-se em cantares,
e houve tremulos dialogos
entre os rosaes e os palmares.

Nos jardins, ao luar fulgido,
dir-se-iam vivas as bellas
estatuas, nimphas de marmore
junto a cascatas d'estrellas;

escutando, ao longe, musicas
e envoltas na fina trama
de fios d'ouro tenuissimos
que o ether a flux derrama!

Ó noites de calma e fremitos,
d'um anhelar sem fadiga!
vós fostes os seios uberos
das artes da Grecia antiga!

Mostrava, a rainha esplendida,
uns risos feitos de beijos,
uns labios de rubras petalas
e umas palavras d'harpejos.

Ao vêr a rainha d'Ithaca
envolta em taes esplendores,
crereis que do assento olympico
baixára a mãe dos amores.

Quando o matinal crepusculo
entrou nos salões dourados,
chamou junto a si Penelope,
os seus reaes namorados.

Ao ouvir-lhe o appello magico,
incertos, impacientes,
pela primeira vez tremulos,
sentiram medo, os valentes!

VI

— Escutae-me: eu sou rainha,
que é ser escrava; hoje sei
que a minha mão não é minha,
é d'um reino e é d'um rei.

Já lá vão annos, e tantos!
da minha esteril viuvez,
que o povo não quer mais prantos...
e elle tem razão, talvez.

Hoje o meu rosto anda enxuto
e ha risos na minha voz;
despojei-me do meu luto
e hei de escolher d'entre vós.

Mas antes... Se é louca a ideia...
ride-vos d'ella e de mim!
quero tecer uma teia
no meu tear de marfim,

que tem d'ouro a lançadeira,
de prata os finos pedaes.
Vinde vêr a tecedeira;
ó meus amantes leaes.

mal que o voto fôr cumprido,
a minha palavra é lei!
a mulher terá marido
e o reino ha de ter um rei.—

Correu d'alli ao mirante
com seu casto seio a arfar,
e creu vêr, muito distante,
um riso, no argenteo mar.

VII

Urdiu de sedas arabigas
e de linhos do Pireu,
os ramos longos, alvissimos,
com listas da côr do céo.

A trama era caprichosa:
ora de seda escarlata,
ora verde ou côr de rosa,
ora d'ouro, ora de prata.

Vêde agora a regia artifice
gastar canilhas sem fim,
agitando attenta e celere
o seu tear de marfim!

Com que alegre diligencia
a lançadeira se alaga
do ordume na transparencia,
como a dourada na vaga!

e roça as eburneas laminas
e o deslumbrante matiz
do pente, engastado em ebano,
marchetado de rubis!

Passa e volta e não se cança;
e o pente bate e rebate!
Oh! nunca se perde a esp'rança
que pensa no seu resgate!

Viam-na os zelosos principes
todo o dia ao seu tear;
não tinha descanço a misera,
e a teia sem se acabar!

— Sabeis, rainha querida,
já dizem por estas ilhas,
que hemos de gastar a vida
a fornecer-vos canilhas,

porque a vossa teia é symbolo
d'esses castigos crueis,
das Danaides e de Tantalo!
Senhora, e vós que dizeis?

Dez annos d'anciosa espera,
contados a hora e hora,
e o vosso tear-chymera
a devorar-nos, senhora!

— E eu vinte!.. que triste computo!
ai! para quem sabe amar,
vinte annos são quasi um seculo!..
Muito velha devo estar!

— Se o fosseis, finda era a traça
da vossa teia homicida,
que assim nos enreda e enlaça
os fios da nossa vida!

Mas vós sois a aurora rútila
agitando, sem cessar,
com beijos quentes e humidos...
até as ondas do mar! —

Ella ri, mas chega a noite
e o que tecêra destrama.
Ha nada que tanto afoite
como a esperança, quem ama?!

VIII

— Que alarma vae nas ameias?
que vozear no palacio?
— Galeras que vem do Lacio
arfando co'as vélas cheias!!

Dez, vinte, quarenta, cem!
do mar no immenso estendal!
e içado o pendão real
no mastro grande, lá vem!! —

O povo corre em delirio
e em grita as soidões acorda,
como um prazer que trasborda
apoz um longo martyrio!

que alegria e que chorar!
que bater de corações!
hymno em côro, as saudações
sobre a terra e sobre o mar.

Pouco depois, ao seu lado,
a rainha, accesa em gloria,
tinha, em tropheu de victoria,
o seu rei, no seu eirado.

Ouviu-a, abraçou-a, e emfim,
entre os applausos da grey,
foram beijar, ella e o rei,
o seu tear de marfim.

10 de julho.

NOTAS

NOTAS

AVÈ, REGINA

(Pag. 11)

Facilmente se conhece a época em que foram escriptos estes versos. Todos se recordam de vêr a Rainha de Portugal, a filha de Victor Manoel, acudindo ás victimas das inundações que affligiram muitas povoações d'estes reinos. Creio que não houve coração que a não abençoasse, nem poeta que lhe não consagrasse um hymno. Os meus versos, escriptos n'aquella época, não ousaram apparecer. Não foi por modestia, nem por mingua de calorosa admiração; não foi. No côro unisono dos louvores que lhe consagravam, não fazia falta a minha voz. Tive sempre um certo receio das maiorias, e muito mais das unanimidades.

Compilando agora as minhas composições, que por ahi trazia dispersas, entendi que devia publical-os, e, publicando-os, dar-lhes o primeiro logar, não pelo que valem, mas pelo que significam.

Quem dizia á augusta princeza, no momento em que a via entrar no Tejo:

Terás na lusa praia as ribas italianas,
sólo que diz — fartura, e céo que diz — bonança,
seáras da Cicilia, auras napolitanas,
e flores de Saboya em prados de Bragança;

quem lhe requeria nas horas d'um grande luto nacional:

Senhora, pois que vens a semear venturas
no campo que inda enxuga os prantos da saudade,
Rainha! ajuda o Rei a ter-nos bem seguras
a paz, a independencia, a honra, a liberdade!

póde agora e deve, depois que viu como ella tem cumprido o seu mistér de Rainha, dizer, traduzindo os sentimentos da gratidão d'um povo inteiro:

Queira Deus fazer das lagrimas,
que ella enxuga aos indigentes,
c'rôa d'astros refulgentes,
e cingir-lh'a! Oh! queira Deus!

— «Salvè!» — o teu reino canta,
célica peregrina,
hão de adorar-te sancta,
Mãe, que já és divina.

Quem me póde a mim levar a mal taes expansões de respeitoso affécto, n'esta boa terra de Portugal, onde os principaes republicanos são subvencionados pelo Estado, e (seja dito em honra sua), respeitam os reis e reverenceiam as rainhas?

A proposito, lembra-me n'este momento um epigramma, que a um poeta muito conhecido ouvi n'um baile do Paço, ha dous annos.

Chamou-me com ares de mysterio, apontou, com gesto de Hamlet, para uns sujeitos que elle dizia ter ouvido jactarem-se de republicanos, e recitou com todas as inflexões da mais comica indignação:

«No paço! no paço!! tomando sorvetes
«do sangue do povo!!.. Oh! crime brutal!
«fazendo zumbaias, cheirando á pivetes
«os republicanos... da casa real!!»

Deus conserve aos nossos exaltados esta indole moderada, porque, para progressistas, temos nós os que chamam conservadores.

O PRIMEIRO DE DEZEMBRO

(Pag. 15)

Não ! — disse uma só voz : — Não !

(Pag. 17, verso ultimo)

Este — NÃO — é historico, e tão accentuado o ouviu Napoleão, que por vezes lhe voltava á memoria e o repetia, imitando o accento com que fôra dito. Não pareça anacronismo affirmar que este NÃO se ouvia em Aljubarrota, em Montes Claros, e sobre a campa d'Egas Moniz. Este NÃO data de todos os tempos em que se tem querido pôr em duvida a nossa independencia. Este NÃO tem-no ouvido todos os ambiciosos, como um desengano; todos os fusionistas, como um protesto; todos os traidores, como um flagicio.

Sempre será bom não esquecer que se repetem, e com diversa procedencia, as tentativas de fusões, de federações ou de protectorados. A nação deve preoccupar-se com estes symptomas. A resposta está formulada; é historica. Muito concisa, mas muito eloquente.

A VELHA

(Pag. 27)

Um dia contou-se em Lisboa uma historia verdadeiramente interessante.

No tribunal da Boa-Hora appareceu um menino de poucos annos, que pretendia fallar aos juizes. Interrogado por estes, soube-se que a creança, filho natural d'um advogado distincto, muito conhecido na capital, e que morrêra na flor da edade, fôra, por seu pae moribundo, confiado aos cuidados d'uma criada velha, que o adoptou, creando-o com todo o carinho, emquanto lhe durou a vida, já muito cançada. Á hora da morte, a velha aconselhou o seu adoptivo a que fosse entregar-se á justiça, que assim como castigava os maus, tinha obrigação de favorecer os bons e proteger os desamparados. Os austeros juizes regosijaram-se com o caso estranho. Era a primeira vez que se lhe vinha entregar um innocente. A pobre velha não sabia as leis, mas adivinhára o direito.

Que destino daria á creança a justiça d'estes reinos, que é

sábia, que é honrada, mas que tambem é muito pobre, e ainda em riscos de vêr-se qualquer dia desamparada?

A Caridade, a quem o facto fôra denunciado, correu logo a deduzir artigos de preferencia. Era representada por umas bachareis de 18 a 20 annos, enlêvo, segundo consta, de quem as via, e adoração de quem as conhecia. O certo é que formulados e offerecidos os seus «Items», os famosos jurisconsultos viram-se embrulhados de modo que n'este conflicto de jurisdicção cedeu a justiça (cousa rara!) e sem grandes arrasoados (cousa mais rara ainda!).

Para assegurar a educação do seu protegido, as senhoras organisaram festas e solicitaram beneficios, fazendo-me a honra de me associarem á sua caridosa obra.

Aqui está a historia d'estes versos, que foram recitados pela nossa eximia actriz Emilia Adelaide, no theatro de D. Maria II.

MIRAGEM

(Pag. 45)

Estes versos foram recitados pelo meu particular amigo, o visconde de Benalcanfôr, no theatro de Cascaes, n'uma recita promovida e levada a effeito por muitas das principaes senhoras da capital, em beneficio das «Creches».

Essa festa brilhante deixou gratissimas recordações a todos os que tiveram a fortuna de a presencear.

A D. GABRIEL GARCIA Y TASSARA

(Pag. 73)

Projectou-se na Hespanha, ha quatro para cinco annos, publicar um livro em honra de Don Gabriel Garcia y Tassara, cujos versos foram compillados e publicados em Madrid, em 1872.

Para collaborar n'essa obra foram convidados não só os poetas hespanhoes, mas os de outros paizes.

Lembrou-se de mim o meu particular e distincto amigo, Don Antonio Romero Ortiz, que fôra meu companheiro de casa, em Lisboa, no tempo d'uma das suas emigrações, e esta poesia foi escripta para fazer parte d'esse livro, que não sei se chegou a publicar-se.

O espirito de Tassara, que não é dos poetas hespanhoes mais conhecidos em Portugal, era melancolico, e preoccupava-se com as grandes questões sociaes, politicas e religiosas. Bastam, para o provar, os versos que servem de introducção ao seu livro:

«Memorias son del alma: los placeres
«que el amor me brindava en copa de oro,
«el — ¡ ay ! — de la pasion envuelto en lloro,
«y la dulce elusion de las mujeres.

«Verti en el mundo de mis proprios seres
«de la imaginacion el gran tesoro;
«talvêz levanto el vuelo al Dios que adoro,
«y oso a sus plantas exclamar: «¿ Quien eres?»

«Pero volvi mi vista a las naciones;
«immenso mar en tempestad sombria,
«las vi sin Dios ni libertad turbarse;

«Y si vuelven a oirse estas canciones
«no seran sino un himno de agonia
«a esta Europa que corre a suicidarse».

No canto: El Crepúsculo, accentua-se mais a sua misantropia e o seu scepticismo:

«Mi Dios soy yo, mi sociedad yo mismo:
«ni su voz ni su imágen ni su nombre:
«legos de mi la sociedad y el hombre.
....
«El hombre llama mi dolor demencia:
«¿ que importa? mi dolor es mi consuelo:
«yo soy mi proprio Dios solo en mi cielo.»

E comtudo o seu coração attribulado sentia saudades dos sonhos da sua infancia, das crenças da sua juventude, e pedia aos poetas novos a LA NUEVA MUSA, que em vez de desesperadoras canções entoassem hymnos de fé e ensinamentos de bondade:

«Decid al hombre que maldice y duda,
«decid al hombre que bendiga e crea;
«cantad, creed, y vuestro canto sea
«la fe en el alma, la esperanza en Dios.

....

«¿No és mas grande, decid, no és mas hermoso
«si ya la gloria humana és mas que un nombre
«en vêz de abismos, ofrecer al hombre
«alas para volar a la Deidad?»

Não cabe nos estreitos limites d'uma nota fugitiva, traçar a physionomia litteraria e moral d'este poeta. Disse o bastante para justificar a escolha do assumpto nos versos que consagrei á sua memoria.

Apenas um traço mais e concluo:

Quando o seu espirito bom e justo reage contra o scepticismo que o invade, parece que adivinha os exageros da moderna escóla:

«Callad voces del mal, y el universo
«no más de un hado ciego el templo sea:
«pueblos sin Dios y libertad atea...
«Impossible ¡gran Dios! todo sin ti.»

Lição notavel dada por aquelle mestre, que exclamava nos seus delirios:

«Mi Dios soy yo...»

e que nas suas horas de propheta, confessava:

«Raza de ateos que a luchar nacimos
«luchamos contra el cielo y sucumbimos.»

MIGUEL ANGELO

(IMITAÇÃO DE SALVANY)

(Pag. 89)

Conheci, pela primeira vez, estes versos, por ouvil-os recitar á snr.ª D. Concepcion Jymeno de Flaquer, auctora d'um livro que se intitula: LA MUJER ESPAÑOLA, onde a sympathica escriptora revela muito saber, notavel criterio, observação aturada, e galas d'estylo castigado e varonil. Publicava-os, pouco depois, um jornal de Lisboa, e eu era brindado, pelo illustre poeta, com um exemplar do seu livro: POESIAS DE JUAN THOMAS SALVANY, impresso em Madrid em 1877.

Para dar a Salvany (e aos meus leitores) o que é de Salvany, e não sómente a pallida imitação que fiz d'aquelle poemeto, aqui dou o original, que se encontra no seu livro a paginas 222:

MIGUEL ANGEL

Nace en Florencia: ilusiones
arrullan su mocedad;
busca en Roma inspiraciones
y assombra com sus creaciones
a la misma santidad.

Ni áun lo impossible le arredra:
coge atrevido el cincel
y esculpe, com mano fiel,
en solo un Moisés de piedra
la epopeya de Israel.

Volcan que en los aires zumba,
torrente que se derrumba,
suelta á su numen el broche
y petrefica á la Noche
en el borde de una tumba.

Toma el pincel: le avassalla,
e con estro colosal,
sobre um lienzo de muralla,
adivina la batalla
del atroz Juicio Final.

De su gloria descontento
audaz Rotonda asegura
en las regiones del viento,
alzando hasta el firmamiento
la italiana arquitectura.

Tras la llama que le inspira
asi labra un panteon
como pulsa açorde lyra;
sueño parecen, mentira
su genio y su inspiracion.

Entusiasta ciudadano,
corre el artista divino
a guardar, espada en mano,
el honor republicano
del gobierno florentino.

Sucumbe honrada Florencia;
él hacia el sepulcro avanza
y al fin troncha su existencia
la irremediable dolencia
de un amor sin esperanza.

....

No ha muerto: descansa: en vano
la Parca vencerle quiso,
que hoy por el se dan la mano
Atenas y el Vaticano,
la tierra y el paraiso.

Tal és la historia sucinta,
tal el simpatico drama
del que, con gloria distinta,
esculpe, arquitecta, pinta,
escribe, pelea ¡ y ama !

Á MEMORIA DE FRANCISCO LUIZ GOMES

(Pag. 115)

Todos ainda se recordam de Francisco Luiz Gomes, a cuja memoria consagro estes versos. Quando em 1861 tive pela primeira vez assento na camara dos deputados, encontrei-o alli; militavamos sob a mesma bandeira politica; eramos ambos devaneadores e crentes; a minha edade não iria muito áquem da sua edade; não tardou que nos considerassemos intimos.

Francisco Luiz Gomes era filho da India, e representava em côrtes um dos circulos d'aquelle estado. Deve estar ainda viva na memoria dos que o conheceram a vivacidade, a elegancia, o colorido imaginoso e a logica imperiosa da sua eloquencia. Trabalhava sempre, e deixou impressos: a Historia do Marquez de Pombal; um livro de economia politica, em que os seus estudos principalmente se empenhavam, e um romance, Os Brahmines, onde se pintam, com vigoroso e verdadeirissimo colorido, scènas, costumes e paisagens da India, sua patria.

Trabalhava sem descanço, como quem presentia que lhe faltaria o tempo e lhe fugiria a vida.

— É meu inimigo este doce clima da Europa — dizia elle com o sorriso triste dos poetas que adivinham e dos medicos que conhecem a approximação da morte; e elle era poeta e medico.

Embarcou de volta para a India já quando a medicina havia desesperado de o salvar aqui.

Nem ao menos teve a grata consolação de vêr e abraçar os seus. Morreu no mar.

Na India, como em Portugal, deixou profundas saudades.

Eram-lhe devidas.

CANÇÕES DA INDIA

(Pag. 119 e seguintes)

N'estes versos ha traducções e imitações, como vae devidamente notado. Á excepção das duas primeiras, nenhuma das outras é verdadeiramente original, e, das que dou como traducções, publiquei no segundo volume das Jornadas o original d'onde foram traduzidas em prosa pelo snr. Suriagy Ananda Rau, e compostas por mim em verso. Taes são as: terceira, quarta, quinta, sexta e setima. As restantes são um pouco imitações dos cantares namorados d'aquelle paiz, ha muito tempo já europeu; e por isso, não admira, antes é natural, que haja approximações nas litteraturas, assim como ha cruzamento nas raças.

Por me parecer que offerecem esta curiosidade, como amostras, que não pelo seu valor como poemas, as offereço aos meus leitores.

O SINO D'OURO

(Pag. 137)

E milhões de vagalumes
estrellejando o palmar.

(Pag. 140)

Na India um dos espectaculos mais curiosos e mais surprehendentes para o europeu, é contemplar, de noite, passadas as chuvas torrenciaes do inverno, a copa dos arvoredos, alumiada por milhões e milhões de vagalumes. Quando se sobe a uma eminencia sobranceira a extensos arvoredos, vê-se um longo tapete fosforescente e ondulante, como as vagas d'um extenso lago douradas pelos raios da lua. A luz fatua, de que parecem enramadas as arvores, accende-se ou desmaia gradualmente em diversos pontos, como o subir e descer symetrico de vagas luminosas.

Na extrema do horisonte a terra e o céo confundem-se na vaga e mal distincta esteira de luz dos arvoredos e dos astros.

Foi nos fins do inverno, e no palacio de S. Caetano, em Gôa velha, que estes versos foram escriptos.

A grande necropole, com a sua Sé primacial, as suas ruinas monumentaes, as suas sepulturas brasonadas, o seu tumulo de S. Francisco Xavier e as suas tradições gloriosas, só a podemos visitar cobertos de luto.

DIPPU

(Pag. 143)

Havia um brahmine, um velho
no palacio do rajá.

(Pag. 148)

Havia, e ha ainda hoje, entre os orientalistas, duvidas sobre qual das castas é mais nobre: se a brahmine ou sacerdotal, se a chatriá ou chardó, a guerreira.

Na India portugueza parece assentado a preeminencia da casta brahmine, mas nem por isso a outra casta lh'a cede, sem protesto. E, sem me julgar auctorisado a sentenciar, ponderarei que os chardós allegam, em favor da sua causa, razões que não são para desprezar. Elles eram os principes, os reis, a gente da guerra. Os brahmines tinham o privilegio da sabedoria; faziam e interpretavam as leis, e porque a sciencia foi sem-

pre, nas diversas latitudes e longitudes, a directora de toda a força e a fonte de todo o poder, facil lhe foi assumir o predominio de que se acharam de posse. D'este modo, allegam ainda os chatriás, e por este processo facil, porque se fundava na ignorancia dos senhores, foram introduzindo nos livros e nos codigos preceitos com os quaes, pelo andar dos tempos, se foram vendo desherdados, não só dos seus bens, mas das suas honras e privilegios, os antigos dominantes, em favor dos seus mordomos, ministros, conselheiros e servidores. Foi d'elles, acrescentam, foi da sua fraudulenta, paciente e demorada pertinacia, que saíram, como interpretação dos vedas, as Leis de Manú.

Estas leis, que muitos dos meus leitores talvez não conheçam, foram ditadas na verdade, e, como era natural, pelo espirito do castismo intransigente, tal como ainda hoje se encontra na India e durará por seculos, apesar das dominações européas, e foram concebidas e promulgadas quasi exclusivamente em favor dos brahmines.

Se fundados, sem falsificação, nos velhos textos dos seus livros, como affirma a casta favorecida, e eu quero crêr, se falseando a sua interpretação, como entendem ou inculcam entender os prejudicados, que o digam os sabios orientalistas.

Seja-me licito, visto que, a proposito do sabio brahmine que no palacio do rajá Vassu sabia explicar o Ramayana, aventurei algumas palavras sobre esta interminavel questão, dar uns excerptos das celebres leis de Manú, só para mostrar até onde chegam os privilegios da casta brahmine.

No livro 8.º:

I

«Se o rei quizer examinar os pleitos judiciaes, deve apresentar-se no tribunal com gravidade, acompanhado de conselheiros brahmines, instruidos.

....
....

XX

«O rei escolhe, se assim lhe apraz,. para interprete da lei, um homem da classe sacerdotal (brahmine), ainda que não seja exacto observante dos seus deveres...

XXI

«O rei que tolerar um sudro (*), proferir decisões á sua vista, o seu reino estará n'uma posição tão miseravel como uma vacca no atoleiro.

XXII

«Um paiz povoado de sudros, frequentado por atheus e falto

(*) Ultima casta.

de brahmines breve será destruido com os estragos da fome e da peste.

. . . .

. . . .

XXXVII

«Se um brahmine instruido achar um thesouro, ha muito tempo occulto na terra, póde apropriar-se d'elle, porque o brahmine é senhor de tudo que existe na terra.

XXXVIII

«Se o rei encontrar um thesouro enterrado desde tempos antigos e sem domno, dê metade aos brahmines e faça entrar outra metade no seu thesouro.

. . . .

. . . .

CXI

«Um homem de juizo nunca jura em vão, nem mesmo por um objecto de pequena importancia...

CXII

«Todavia com as amantes, ou quando se procura uma joven

para casamento, ou quando se tracta do sustento d'uma vacca, dos combustiveis necessarios para um sacrificio e da salvação d'um brahmine, n'estes casos é permittido um tal juramento.

. . . .

. . . .

CXXIII

«Um principe deve desterrar, depois de paga a respectiva multa, qualquer individuo das tres ultimas castas, que jurar falso, mas nunca desterre um brahmine.»

Seria este extracto demasiado longo se eu podésse transcrever segundo o meu desejo; mas não cabe aqui, nem é, já agora, necessario para demonstrar a preeminencia legal do brahmine. «Manú, diz Vrihaspati, outro legislador indú, occupa o primeiro logar entre os legisladores, porque exprime no seu codigo o sentido inteiro do Veda. Nenhum codigo é approvado quando contradiz o sentido d'uma lei promulgada por Manú.» Tal é a importancia d'este legislador e d'estas leis.

Quando se escreve sobre as questões da India, ou, em geral, do oriente, parece que se sentem palpitar debaixo da pena as questões da Europa.

Os nossos padres tambem já tiveram o monopolio da sciencia, e se, como monopolisadores, não téem desculpa, como guardas merecem louvores e benções, porque, sem elles, o naufragio fôra completo.

Annos depois, mortifera
a guerra de cem povos
troava sobre os pincaros
do velho Malabar.

(Pag. 149)

Não é o assumpto d'estes versos que exige nota explicativa; lembra-me, porém, uma questão de fórma, que desejo suscitar.

Em todos os meus livros de versos tenho diligenciado apresentar a grande variedade de metrificações e de fórmas de que se adorna a poesia portugueza. Na DELFINA DO MAL ousei mesmo ensaiar modificações de fórma, que me parecem admissiveis. Nós temos uma das mais prestadias linguas para modulações poeticas, e hoje, que está reconhecido ser tão necessario variar a metrificação nos poemas como o compasso nas operas, seria conveniente ensaiar novas medidas, novas cadencias, novas fórmas. Quero crêr que as fórmas principaes são as consagradas pelo uso; mas não haverá mais nenhuma a tentar?

Ha pouco ainda os esdruxulos eram pouco acceites na poesia portugueza; pois a moda (italiana, d'esta vez) introduziu-os aqui, e, educados por Castilho e outros esmerados formistas, achamol-os magestosos, elegantes e nobres na poesia, como o arrastar de longos mantos em régios salões.

Os alexandrinos foram apenas ensaiados pelos nossos melhores poetas; de Bocage me lembro eu agora que escreveu duas fabulas em alexandrinos, e parou ahi, se me não engano.

Hoje a moda (franceza agora) trouxe-os para Portugal, e vejo-os por cá tão bem acabados, que, francamente, não os acho

melhores em França. Pois bem: apesar de ter escripto muitos versos alexandrinos, não me posso convencer de que cada um d'elles não seja dous versos já muito nossos conhecidos.

Achou-se a maneira de metter n'uma pagina o dobro da materia que poderia conter, se fossem desdobrados e collocados á antiga. Os dous hemestichios são dous versos perfeitos e completos.

Mas assim como nós imitamos a metrificação italiana e a metrificação franceza, porque não ensaiamos a virgiliana, por exemplo? e as toantes da poesia hespanhola, que, não sei porque, deixamos caír em desuso?

A poetica latina é diversa da nossa no que respeita á medição do verso, é verdade; nem nós bem sabemos como era em Roma a verdadeira pronuncia do latim, que, depois, cada povo ficou pronunciando de seu modo; comtudo, estudando a poetica de Horacio, parecia-me possivel reconstituir a metrificação horaciana e virgiliana em lingua que é tão latina.

A poesia em toantes, que é facil e prestimosa, fugiu de nós ou deixámol-a nós perder, e de modo que hoje nos fere o ouvido quando tentamos ensaial-a:

....

Vem rompendo o novo dia;
d'além serra o sol desponta,
e recochetam-lhe os raios
do agudo cimo das rochas.

Fervem brilhantes nos valles,
as aves concertam hymnos;

vae Ricardo e a noiva bella
entre a turma das felizes.

Trazem-lhe ao encontro flores
e canções, as camponezas;
uma só, em vez de cantos,
vem chorar no meio d'ellas.

É formosa mesmo triste,
desfeita, pallida e rôta!..
Entre tantas pobresinhas
só ella parece pobre.

Mas traz uma flor ao peito
que só por si fórma um ramo;
é feita de leite e rosas,
e d'ouro fino os estames.

— Maria! — disse Ricardo,
— Maria! — exclamou Joannita,
e os ecos pelas quebradas
iam dizendo — Maria! —

O nosso ouvido não repelle, estranha por desacostumado, mas quer-me parecer que viria a escutar de boa vontade.

HOSANNA FILII DAVID

(Pag. 183)

Eu sei que me podem valer estes versos algumas apreciações acerbas ou algumas phrases galhofeiras da critica da chamada escóla moderna. É certo que me não tomam de surpreza. Depois que o erudito Renan tirou de sob os pés de Jesus a sagrada peanha da divindade; depois que, para o nivelar bem com a humanidade, lhe chamou, entre blandicias hypocritas — o joven carpinteiro — a gente moça capricha em perder-lhe o respeito.

A principio ainda o considerava o grande revolucionario, o esmagador das preeminencias, o protector dos humildes, e, na sua classe de democrata propagandista, pensaram alguns que o seu busto seria digno de figurar entre os de Marat e Saint-Just! desde, porém, que elle descêra de Deus a homem divino, estava no declive escorregadio da caprichosa popularidade; o abysmo invocava o abysmo; era-lhe impossivel parar ahi. O partido radi-

cal tem d'isso: decreta um dia ao conde de Mirabeau as honras do Pantheon, ou antes, decreta um Pantheon em sua honra, e no dia seguinte manda-lhe arrancar ignominiosamente de lá o seu cadaver já verminoso, e lançal-o... aos cães vadios, levantados por vezes, em comparações poeticas, ás alturas da divindade.

Christo começou, pois, a ser... o cadaver sinistro, o agonisante pavoroso, o condemnado tristonho, onde a anatomia da impiedade estudava as contracções dos musculos, o desconjunctar dos ossos, as crispações nervosas, os spasmos, o engurgitamento das veias, o embaciamento dos olhos, o arrouxar dos labios e das unhas, o arquejar do peito, o exhalar, emfim, do ultimo suspiro. A cruz transformada em meza de theatro anatomico. Estudos friamente feitos como *in anima vili!*

Dezenove seculos de gloria, raras vezes contestada, vieram acabar n'isto!

Eu não me rio de vós: respeito as vossas crenças, e até a vossa falta de crença. Não questiono, nem quero agora fazer aqui a minha profissão de fé; só me parece que os benemeritos da humanidade, e espero que não se negará a Christo esta benemerencia, téem direito, se não quereis á adoração, ao respeito universal.

«Se não houvesse Deus, seria preciso invental-o», disse um grande pensador; arreceio-me, pois, d'este pendor para o atheismo, que não sei para onde nos leva.

Escrevi na India estes versos, na terra tão beneficiada pelo christianismo, tão favorecida pelo evangelho, onde, se ainda hoje conservamos alguma tradição de grandeza, á cruz de Christo o devemos.

Mais que as alterosas naus de Portugal, mais que as colubrinas de Diu, mais que as incursões pelo mar vermelho, mais que as conquistas d'Ormuz e de Malaca, mais que todos os *fortes capitães,* que são ainda hoje, e com justificada razão, o assombro da historia, fez um padre christão, um simples padre, com a sua sotaina preta e o seu bordão de peregrino. Este padre fallava em nome de Jesus Christo. Chamava-se Francisco Xavier.

O bastão dos viso-reis não se guarda no palacio; finda a ceremonia da posse de cada governador, é depositado sobre o tumulo do apostolo. Tanto se reconhece que a sua memoria é o principal sustentaculo do nosso dominio no oriente.

Vontade tinha eu de lembrar aqui, se soubesse que alguem lia as notas do meu livro, a utilidade de tractar, sem preconceitos das necessidades mais instantes das nossas provincias ultramarinas.

Não o faço. Cheguei ao triste convencimento de que não é possivel desprender de preconceitos e vaidades partidarias questões sómente de brio e d'interesse nacional, que estou destinado a vêr indefinidamente preteridas e prejudicadas.

A liberdade enlouquece quando se persuade de que chega para tudo e de que não precisa de instituições que a sirvam e ajudem, a auctorisem e a defendam, porque tambem lhe não faltam inimigos.

Ha a liberdade-principio, e ha a liberdade-systema; aquella enuncia-se, esta prepara-se, organisa-se, completa-se e modifica-se. É exigencia da evolução, a cujos preceitos nada póde eximir-se.

A liberdade-principio é theorica, a liberdade-pratica é a que governa e principalmente que sabe governar.

O cajueiro esconde a porta do garath
e a rubra bengalina as olas cobrirá.

(*Pag. 184*)

Garath é o nome que se dá, na India, á habitação pobre, á choça propriamente dita.

Em vez do colmado, europeu, são estas choças ou *garaths*, na India, cobertas de folhas seccas de palmeiras, a que lá chamam *olas*.

SCENA D'UM DRAMA INEDITO

(Pag. 201)

> Mal haja a piedosa regra!..
> embora venha dos céos!
> ....
> Sei que em dar-me a liberdade,
> lançando um velho ao monturo,
> se falta, chorando o juro,
> á justiça e á caridade.

(Pag. 208)

Esta scena, destacada d'um trabalho de longo desenvolvimento, póde mostrar-me aos meus leitores differente do que sou, attribuindo-me sentimentos que nunca tive nem tenho.

Na grande guerra dos Estados-Unidos debatia-se, entre os estados do sul e os do norte, a questão da escravatura e da escravidão. Esta scena passa-se depois da rendição de Richmond, em

que Davis ficou prisioneiro. A guerra estava finda e a escravidão condemnada. As palavras que se escutam a Tompson, o velho negro, escravo d'uma familia do sul, vencida e prisioneira, não deve tomar-se como a voz dos escravos, amaldiçoando a sua libertação, por que, aliás, tanto almejavam. Deve attender-se a que é um velho já sem forças para gosar da liberdade, que para elle, nas circumstancias em que se acha, e com o muito amor que consagra á familia a quem serve, é mais uma calamidade que um dom.

É grande favor, por certo,
deixar-me, sem companhia,
alta noite, n'um deserto,
sem uma estrella por guia.

O fim que eu tinha em vista n'este drama não era tractar a questão da escravatura, que para a philosophia e para a politica está julgada, e para a arte é gasta; de modo que esta scena é perfeitamente accidental.

Não vem para aqui referir o assumpto e o entrecho do drama. Basta-me explicar o sentido dos versos que servem de texto a esta nota, para que os que me não conhecem, me não attribuam sentimentos que não professo.

CARTEIRA DE VIAGEM

(Pag. 211)

Que mysterios não ha do mundo na existencia!..
Vêr Gôa, tendo visto a ingente Bombaim!!..
Lá fulge Babylonia, em plena florescencia,
aqui Pompeia jaz, sepulta n'um jardim!..

(Pag. 212)

É preciso visitar Bombaim e visitar Gôa, para se comprehender a tristeza que nos inspira a cidade d'Affonso d'Albuquerque depois de se ter visto Bombaim, a maior cidade ingleza no Industão.

É realmente Bombaim a moderna Babylonia. Deve contar hoje mais d'um milhão d'almas, e por isso deve ser em população talvez a quarta cidade do mundo. Segundo as estatisticas de 1870, que já hoje estão modificadas, mas não essencialmente,

Bombaim era tão populosa como New-York, mais que Constantinopla, duas vezes mais que Berlim, tres vezes mais que o Cairo e que Lisboa, duas vezes mais que Saint-Petersbourgo, quatro vezes mais que Roma, duas vezes mais que Napoles, uma terça parte mais que Vienna, dezoito vezes mais que Washington, cinco mais que Bruxellas e duas mais que a capital da India ingleza: Calcutá.

Tres cidades se lhe avantajavam: Londres, com 2.400:000 habitantes; Pekim, com 2.000:000; e Paris, com 1.640:000.

Acrescentae a isto a diversidade dos trajos, que todos os paizes e todas as tribus, castas e raças do mundo alli se acham representadas, a diversidade das linguas e dialectos, das religiões, dos objectos de commercio, dos usos e costumes, e tendes achado a verdadeira Babylonia.

O portuguez que passa de Bombaim para Gôa, sente-se invencivelmente tomado d'uma tristeza mortal. Até as galas da paisagem, que a não ha mais formosa em toda a India, acrescentam penas e saudades á tristeza do visitante.

Nós não podemos esquecer que nos aureos tempos da nossa historia maritima, descobriramos toda a costa da India, do Indo ao Ganges, e Malaca, China, Japão, Oceania, Eteopia, Arabia e Persia.

«Em tempo d'el-rei D. Manoel, diz o padre Godinho, se tomou Gôa e Malaca aos mouros, se fizeram as fortalezas d'Ormús, Cochim, Calecut, Maldiva, Socotorá, Angediva, Cananor, Coulão, Columbo, Chaul, Pacém, Ternate, Cranganor e Sofala; se fizeram tributarios ao rei de Portugal os reis d'Ormúz, de Tidóre, de Ceylão, de Maldivas, de Coulão, de Melinde, de Zanzibar, de Quiloa, de Batecalá, de Pacém...

«Nos annos que reinou o piissimo rei D. João III, que foram 35, fundaram-se cidades, villas e logares nas terras que, ou reis amigos nos largavam ou as armas conquistavam. Na costa de Coromandel a cidade de S. Thomé, ou Meliapor, a de Nigapatão, a de Jafanapatão... Na ilha de Ceylão, as cidades e fortalezas de Gale, Negumbo, Baticalôa e Trinquimale. Na costa do norte, as cidades de Baçaim e Damão, com muitas villas e aldeias por toda a costa do reino de Cambaya... Fez-se a fortaleza de Diu, a de Chale, no Malabar, e a de Macau, na China.»

Seria longo transcrever todo o inventario das victorias, das tomadias, das submissões e das párias e tributos que nos pagaram os reis e potentados das Indias. Seria longa tambem, e dolorosa de recordar, a relação das nossas perdas e desastres.

Ha, porém, no meio d'ellas, alguma cousa que nos póde consolar, se póde haver consolação para os desherdados.

Fallemos de Ceylão.

Foi em 1507, no tempo do primeiro viso-rei da India, D. Francisco d'Almeida, que seu filho, o esforçado navegante de 18 annos, que tão heroicamente havia de morrer na bahia de Chaul, descobriu Ceylão e n'ella começamos de estabelecer o nosso dominio. Cento e quarenta e nove annos depois, em 1656, era Ceylão preza dos hollandezes, a quem os inglezes expulsaram e a tomaram em 1795, chegando a realisar, em 1815, a conquista de toda a ilha.

Fica pois lembrado que só tivemos estabelecimentos de guerra e de commercio em Ceylão durante 149 annos, e que os perdemos ha 223 annos, que tanto dista de 1656 a 1879. Pois apesar do nosso ephemero e limitado dominio, apesar de tantos

annos decorridos desde a nossa expulsão, desembarcaes em qualquer dos portos da ilha, e ouvís aos nativos, e em lingua portugueza muito avariada, como é natural: — Eu tambem sou portuguez — e acompanham-vos e obsequeiam-vos e vão mostrar-vos um portico encimado com o brazão das quinas, portico que elles não deixaram demolir quando se demoliram as muralhas, e, apontando-vos para o escudo das armas reaes portuguezas, dizem-vos, gloriosos e ufanos: — As nossas armas — .

Para que não pareça, o que deixo dito, affirmação sem provas, quero referir um facto, mal conhecido entre nós, apesar de quanto nos é honroso.

Os padres inglezes, que tractam por todos os modos, como é justo, de introduzir a sua lingua em Ceylão, téem achado nos naturaes uma opposição invencivel, por quererem, a todo o custo, conservar a, que elles chamam, lingua portugueza. Apesar da pertinacia ingleza, apesar da diuturnidade dos seus trabalhos, se téem querido ensinar-lhes a doutrina christã, téem transigido com a teimosia dos indigenas, téem respeitado a sua vaidade, mandando imprimir as suas biblias e os seus cathecismos *ne o portuguez de Ceylon*.

Tenho presente uma biblia com este titulo:

CINCO LIVROS DE MOSES

CHOMADO

GENESIS EXODUS, LEVITICUS, NUMEROS E DEUTERONOMIOS

E TAMBEM

O LIVRO DE PSALMOS

TRADUZIDO NE PORTUGUEZ DE CEYLON

COLOMBO

IMPRESSADO NE OFFICIO DE MISSION WESLEYANO

1833

Chamo a attenção dos meus leitores para a data em que este livro foi impresso: 1833. Não sei se ha edições posteriores; é provavel, mas eu só possuo esta.

Sempre darei, já agora, a amostra do tal portuguez de Ceylão:

O PRIMEIRO LIVRO DE MOSES CHOMADO GENESIS

CAPITULO I

«1 Ne o começo Deos ja forma o ceos e o mundo.

«2 E o mundo tinha sem feção e vazio: e escuridade tinha

sobre o faça de o fundeza. E o espirito de Deus ja movia sobre o faça de o agoas.

«3 E Deus ja falla, Desse ser lume: e tinha lume.

«4 E Deos ja olha qui o lume tinha bom: e Deus ja separa o lume de o escuridade.

«5 E Deos ja choma o lume Didia, e o escuridade elle ja choma Anoite. E o atarde e o palmeão tinha o primeiro dia.

«6 E Deos ja falla, Desse ser um firmamento ne o meio de o agoas e desse aquel separa o agoas de o agoas.

«7 E Deus ja faze o firmamento, e ja separa o agoas que tinha baso de o firmamento, de o agoas que tinha riba de o firmamento: e tinha assi.

«8 E Deus ja choma o firmamento Ceos. E o atarde e o palmião tinha o segundo dia.

. . . .

CAPITULO XII

«1 Agora o Senhor ja falla per Abram. Sahi fora de vosso terra, e de vosso familha e de o caza de vosso pai per hum terra que eu lo mustra per vos:

«2 E eu lo faze de vos, um grande nação; e eu lo benze per vos, e lo faze vosso nome grande, e vos lo fica hum benção.

«3 E eu lo benze per ellotros quem te benze per vos, e lo maldisua per elle quem te maldisua per vos: e ne vos toda o familhas de o mundo lo ser benzido.»

. . . .

. . . .

Este mau portuguez de Ceylão prova que, apesar de toda a nossa decadencia e de todos os nossos desastres, somos, no oriente, mais queridos e mais estimados do que os hollandezes e os inglezes, e quantos europeus lá téem armado as suas tendas.

A razão d'isto encontra-se facilmente, estudando a maneira por que nós vivemos com os indigenas, onde quer que assentamos o nosso dominio; e para que se me não attribuam asseverações infundadas, embora sáia mais longa, do que era meu desejo, esta nota, provarei o que digo com o testemunho insuspeitissimo d'um homem que não prima por nosso amigo, e cuja auctoridade é muito respeitada no mundo.

Os portuguezes familiarisaram-se sempre com todos os povos que dominaram, ao contrario dos inglezes, que nunca perdem a ideia da sua superioridade e a altivez da sua preeminencia. Aqui está o motivo por que somos estimados em toda a parte onde nos estabelecemos, e por que ainda em 1838, os inglezes imprimiam, na cidade de Colombo, a biblia sancta *ne portuguez de Ceylon*.

Ouçamos o testemunho a que me referi:

«Foi-me sobremaneira agradavel, a mim, que tenho conhecido de perto a estupida prevenção que há contra a gente de côr, observar a nobre franqueza com que a gente de côr é tractada pelos portuguezes. Os exemplos, tão communs no sul (da Africa), de desamparar as creanças de meia-casta (mulatas), são aqui (Angola) muito raros: tomam logar á meza e são servidas de tudo pelos paes, como se fossem europeus. Os indigenas, empregados dos commerciantes, assentam-se á mesma meza, com as demais pessoas da familia, sem nenhum acanhamento.......

«Não existe em nenhuma outra parte da Africa tanta bemquerença, entre europeus e indigenas, como aqui. Se alguns colonos da raia tivessem inteira certeza de que o nosso governo (o governo inglez do Cabo), deixava de tractal-os com a costumada arrogancia (convém notar), provavelmente ouviriamos fallar menos da insolencia dos cafres. A insolencia é que provoca a insolencia.»

Estas palavras são do doutor Levingstone, e Levingstone era aquelle missionário que prégava contra nós em toda a Africa, querendo que os negros nos tivessem por seus grandes inimigos, e só por amigos os inglezes; e para provar aos cafres que havia brancos de brancos, e para que bem reconhecessem os inglezes, mostrava-lhes a alvura nivea do seu peito, o azul dos seus olhos, e a côr loura das suas barbas e dos seus cabellos, fazendo-lhes notar e decorar que os portuguezes eram mais trigueiros e tinham olhos pretos e cabellos escuros.

Pois este sancto homem, tão nosso amigo, como fica demonstrado, escreveu aquellas palavras que explicam as biblias *ne portuguez de Ceylon*.

Seguir Camões e Bocage,
dous astros da lusa historia,
e acompanhar-lhes a gloria,
abraçando a sua cruz.

(Pag. 224)

Por lá procurei, é verdade, os vestigios dos nossos dois gran-

des poetas nos palmares da India portugueza. De Camões nada encontrei. Parece ter passado por alli realmente incognito o grande cantor das nossas glorias no oriente. É na China que as suas tradições se conservam ou se inventam, que não é facil garantir a sua authenticidade; na India consultei os mais antigos estudiosos da historia e mesmo das tradições anecdoticas dos nossos antigos navegadores, que por qualquer modo se tornaram notaveis, e nada obtive.

Vi que se esforçavam por dar-me alguma noticia do poeta, mas pareceu-me sempre que tinham mais em vista ser-me agradaveis, procurando, a expensas da sua imaginação, satisfazer a minha curiosidade, do que revelar algum traço ainda conhecido ou recordado da sua passagem pela India.

Não admira este esquecimento ou este desconhecimento. O soldado da Africa, desgostoso das ingratidões do seu paiz (já n'esse tempo as havia), partiu para a India em 1553; ahi, o seu estro satyrico fez com que o desterrassem para Macau, onde esteve cinco annos e onde escreveu o seu poema; voltou a Gôa, onde pouco se demorou, desgostoso do que via e do modo por que continuou a ser tractado.

A pouca demora que alli teve e o terem passado mais de três seculos, sendo n'aquelle tempo um simples soldado de fortuna e um poeta quasi desconhecido, desculpam este esquecimento.

Mesmo em Portugal, que apreço fizeram d'elle durante a sua vida? que nos rèsta hoje das suas tradições? as que o remorso nos gravou indelevelmente na consciencia; algumas das suas desgraças e miserias — a nossa eterna vergonha.

Nós temos um tradicional defeito, de que já não é facil res-

gátarmo'-nos: apredejamos em vida os nossos homens prestantes, e glorificamo'l-os mortos; ou, em phrase mais comesinha e mais verdadeira hoje: tiramos-lhes a carne, mas douramos-lhes os ossos. Pois este foi o infeliz dos infelizes, porque não só adoeceu de fome e morreu de dieta n'um hospital, mas nem dos ossos lhe sabemos, para os trazermos em procissão!

Que admira, pois, que na India se não achem vestigios de Camões?

Nunca uma existencia tão nobre, nunca uma personalidade tão alta passou tão desconhecida no mundo.

Vingou-o a posteridade, e vingou-o nobremente.

De Bocage alguns vestigios se encontram; porém, rarissimos e de pouco apreço. A India não gosta de Bocage; ficou demasiadamente ferida nas suas vaidades para lhe perdoar os epigrammas. Falla-se de Bocage, acha-se gracioso, mas o riso com que se tenta applaudir a graça dos seus inimitaveis sonetos e a valentia das suas satyras mordentes, é tão amarello, que ninguem o póde tomar por sincero.

Sente-se, na verdade, ao lêr Bocage a respeito da India, que nenhuma das nossas passadas glorias inspirasse o seu divino estro, e que sómente visse os ridiculos d'uma sociedade afidalgada e vaidosa, menos, ainda assim, por culpa da India, do que de Portugal, que lhe mandava os peraltas d'aquelles tempos, alguns dos quaes, diga-se a verdade, não podendo lá correr touros, saíram excellentes corredores e monteadores de mouros.

Bocage entrava em

«... Goa, *in ello tempore* cidade»,

isto é, quando a decadencia da grande cidade acompanhava a decadencia do nosso grande imperio oriental. Ha menos d'um seculo que elle teve occasião de vêr

«Ostras por vidraças»,

e já então Gôa era apenas a sombra do que fôra, e devia parecer-lhe decerto

«mais ermo que cidade».

Eu podia ter encontrado ainda contemporaneos de Bocage, mas não encontrei. Apontaram-se-me casas por onde elle andou a prodigalisar improvisos e affectos. No largo de Affonso d'Albuquerque mostraram-me uma casa onde, segundo o meu informador, passava noutes agradaveis, o nosso poeta, entre um rancho de moças *descendentes,* a que elle chamava

«mixta qualidade»

(e de passagem se diga que as ha lá formosissimas), horas boas que lhe inspiraram aquella supplica excepcionalissima:

«Mas poupae-lhes as filhas innocentes,
«que ellas culpa não téem, téem mil feitiços».

Ao pé do palacio do governo indicaram-me outra casa como tendo sido habitada por um empregado — *Montegu,* a cuja esposa Bocage, ou por ciume, ou por despeito, dedicára uma satyra pun-

gentissima. E toda a gente de Gôa attesta que fôra aquella dama um modêlo de virtude.

Será por amor á justiça, ou por odio a Bocage? Comtudo, pareceu-me sincero este testemunho.

Tambem me trouxeram versos como tendo sido copiados de manuscriptos de Bocage, que por lá ficaram; ora, esses versos, attesto eu que são apocriphos, e ninguem em boa fé ou *sanae mentis* os podia attribuir ao nosso primeiro metrificador.

Nada do que me referiram me satisfez. Mesmo Pangim n'esse tempo começava a fazer-se, e Gôa era ainda quasi exclusivamente a Velha Gôa, onde provavelmente se deram as aventuras de Bocage.

A poesia em Gôa é uma planta exotica. Alli ha, por excepção, um ou outro poeta, mas é cousa que não vinga. Dir-se-ia que aos que por lá aportaram fez a população figas quando os viu pelas costas, e se sentiu alliviada d'um grande peso.

Junto á bahia, em frente de Elephanta.

(Pag. 227)

É costume, nos dias sanctificados, nos fins da tarde, já quando o calor é modificado pelas virações que vem do mar, tocarem as musicas, dos regimentos europeus, n'um extenso largo da cidade de Bombaim, proximo da grande bahia. Alli se agglomera e

redemoinha a grande população, e não creio que haja em todo o mundo espectaculo mais curioso, nem mais deslumbrante, nem mais surprehendente. Uma infinidade de volocipedistas singram em todas as direcções, apparecendo e desapparecendo como relampagos, interceptando, por vezes, a marcha lenta e grave dos gemedores *boiás*, que transportam seus amos, ou deitados ou assentados em ostentosas machilas. Multiplicam-se, com olhares e gestos supplicantes, os vendedores de agua e de refrescos, pregoando-os em todas as linguas. Como todos aspiram a chegar mais ao pé da musica, o murmurio e o rumor da multidão vae crescendo de modo que, quando se está mais visinho da orchestra, é quando menos se ouve.

Apesar do cuidado com que se rega todo o extenso largo, antes da hora da maxima concorrencia, ás vezes o pó, especialmente em tardes ventosas, torna suffocante aquella atmosphera. Milhares de trens ou guiados por graves cocheiros inglezes, de grandes suissas ruivas, serenos, mudos, immoveis, dirigindo, com um imperceptivel movimento das guias ou por um aceno do chicote, as formosas parelhas arabes, persas ou australianas, ou arremessados, (é a palavra), por cocheiros mouros ou gentios, flammantes, de côres vivissimas nos turbantes e nas cabaias, nervosos, irrequietos, gritadores, advertindo, em brados, os transeuntes, se cruzam em todas as direcções.

O cocheiro inglez tracta apenas de dominar o seu trem, guiando a sua parelha; o cocheiro mouro pretende dominar a multidão, não procurando, paciente e cautelosamente, o seu caminho, mas querendo que ella lh'o patenteie por onde elle entende que deve passar. O inglez coleia, pára, prosegue, demora, retrocede, avança

e passa; vae sem impaciencia, mas sem descoroçoamento. Não pede, não manda, não adverte. Sereno, perspicaz, teimoso, infatigavel, passa por toda a parte, chega aonde quer, consegue o que deseja. E como para elle não ha surprezas no triumpho, tambem não alardeia nem bravateia. O inglez póde ser brutal, mas não é truão. O cocheiro mouro é como a fatalidade! Traçou o seu caminho directo, ha de achar a linha recta. Fica uma hora a bradar, a invectivar a multidão que o não ouve ou o não attende. Não vê caminho em frente nem possibilidade de o obter? ergue-se em pé, ameaça, injuría, declama, enrouquece, mas não procura nem acceita a linha curva. Por isso, fica estacionario, até que em torno se lhe faça o deserto, que é, por fim de contas, o seu paiz.

O inglez, traçando as curvas caprichosas dos seus jardins, denunciou o segredo da sua prosperidade, e teve a generosidade de patentear ao mundo os verdadeiros caminhos da vida. O mundo teve a ingenuidade de só vêr o que se via e não o que se não via. Adoptou as curvas do jardim inglez, mas teimou sempre em tomar a dianteira áquelle povo admiravel, investindo em linhas rectas. Devia lembrar-se de que o mundo as não tem e as não consente. A linha recta leva aos abysmos insondaveis e ás montanhas inaccessiveis.

Digo isto em honra da Inglaterra.

Nós, para descobrirmos a India, tivemos de dobrar o Cabo das Tormentas; n'uma grande curva ainda maior, d'esse glorioso caminho, descobrimos tambem o Brazil; desde que nos cançámos das curvas ficámo'-nos immoveis, como o cocheiro mouro, a lançar imprecações contra as multidões, que se movem em todos os sen-

tidos, sem se importarem com os convicios que lhes dirigimos, nem com as épicas estrophes que lhes recitâmos.

Quando Camões cantou as glorias de Portugal, teve o nobre intuito de estimular os nossos brios, excitando-nos a novos emprehendimentos; pois enganou-se o grande poeta. Os seus hymnos, em vez de nos excitarem, acalentaram-nos. Adormécemos, e creio que sonhâmos ainda. Enchemo'-nos de vaidade, afidalgámo'-nos e temos vergonha de trabalhar.

Pois trabalhemos, que o mundo é de quem trabalha e não de quem se pavoneia. Ponhamos de parte as rethoricas e cuidemos d'alguma tentativa util, porque ha uma cousa peior que morrer: é ser ridiculo.

Desde aquella época, quantas vezes, em muitas phases da minha vida publica, não tenho eu pensado no cocheiro inglez e no cocheiro mouro!..

Voltemos a Bombaim e ao largo immenso onde milhares de passeantes estão ouvindo as musicas europeias.

Assistamos a esta parada deslumbrante, onde se passam em revista contingentes de todo o mundo conhecido. Depois de vermos aquellas formosas inglezas, que vão sonhando, aquella caleça de francezas, que sorriem, affirmando-se para nós com olhos miopes, aquellas parsís que pousam em cheio, nos rapazes, os seus grandes olhos negros, que parecem inquirir, curiosos mas sem importunação, ou offerecer, generosos mas sem humildade,.. (julgam ellas, talvez, que aquelles olhos, porque são negros, e aquelles rostos ovaes, porque são pallidos, valem menos que os seus sapatinhos carmezins bordados a prata, as suas calças de setim côr de ouro, e o seu manto de setim escarlata)! depois de vermos aquella

grega, talhada pelos moldes de Praxitelles, e aquelles armenios de longa sotaina branca, e estes banianes, que se congratulam por alguma especulação feliz, e esses judeus sempre avidos, voltemo'-nos para a bahia, além da qual se encontra a ilha e o templo de Elephanta.

Elephanta é uma pequena ilha, visinha de Bombaim, onde os gentios, não podemos dizer edificaram, mas abriram ou escavaram um templo magestoso. O templo é aberto na montanha, e nenhuma fórma externa o denuncia, porque o monte conserva a sua fórma primitiva e a vegetação, compativel com a aridez d'aquellas fragas adustas. Desembarca-se e sobe-se por um caminho estreito, aberto na montanha, parte em rampa e parte em escadaria. Pouco mais ou menos a meio da encosta, encontra-se a larga bocca do templo subterraneo, medianamente alumiado por aquella porta, e, se a memoria me não engana, por umas pequenas claraboias superiores.

Não me demoro a mencionar as duas renques de columnas que o dividem, nem os seus grandes relevos representando a trindade brahmanica: Brahma, a primeira encarnação do Pára-Brahma, ou Deus supremo e soberano, eternamente immovel e cujo poder só se manifesta por intermedio da trindade que d'elle deriva, sem que todavia haja mais que um Deus supremo. D'essa trindade é, pois, Brahma a primeira pessoa — o creador — e representa o poder e a materia; Vischenú, a segunda pessoa — o conservador — e representa a sabedoria e o espaço; Shyva, a terceira pessoa — o destruidor — e representa o fogo e o tempo.

Famosa concepção, na verdade:

Pára-Brahma, o sêr supremo, é a cabeça que pensa, o espi-

rito que tudo concebe, o olhar providencial que tudo vê, a alma universal, o foco, o principio. A sua acção é confiada á trindade em que se encarna, e que é, permitta-se-me a fórma comesinha, o seu poder executivo, que se manifesta: creando, conservando e destruindo. Esta trindade é subservida por muitas divindades subalternas.

A India merecia bem o nome de *India mater*.

Lá estão e lá se admiram pela harmonia do grupo e pela verdade das attitudes e da expressão, que não como obra d'esculptura, a que não podem ter pretensões, as figuras d'aquella trindade.

Taes obras, executadas por meio de perfurações nas grandes rochas, são frequentes na India; esta, porém, é das mais notaveis. Algumas das columnas pendem, sem base, suspensas do tecto, porque, segundo é fama, os portuguezes as mutilaram a tiros de artilheria, no intuito de destruirem o templo gentilico.

Trabalhavam uns chinas em varias obras da ilha, especialmente em tornar mais accessivel o caminho para o grande templo, e exigiram da auctoridade de Bombaim que lhes mandasse construir umas barracas onde pernoitassem.

Allegaram, para não dormirem no templo, que de noite conversava a trindade, e não deixava dormir ninguem.

D'onde se prova que em toda a parte ha superstições.

FIM.

INDICES

INDICE DO TEXTO

PAGINAS

INDICE DAS NOTAS

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON — EDITOR

PORTO E BRAGA

Castilho

Sonho d'uma noite de S. João, drama em 5 actos e em verso. (Theatro de Shakespeare, 1.ª tentativa). 1 vol. 600

F. Gomes d'Amorim

Cantos matutinos, 3.ª ediç. 1 vol. 800

João de Lemos

Serões d'Aldêa. 1 vol. 600
Impressões e recordações. 1 vol. 600

Augusto Luso da Silva

Impressões da natureza. 1 vol. . 500

Theophilo Braga

V. ão dos tempos. 2.ª ediç. 1 vol. 500
Torrentes. 1 vol. 600
Folhas verdes. 2.ª ediç. 1 vol. . 600
Historia da poesia popular portugueza . . }
Cancioneiro popular . } 3 vol. 1$500
Romanceiro geral . . . }
Floresta de varios romances. 1 vol. 500

...tino de Novaes

Poesias. 2 vol. . . . . 2$000

... Magalhães

Urania. 1 vol. 900
Factos do Espirito humano. 1 volume 900
Opusculos historicos e litterarios. 1 vol. 900
Tragedias, Antonio José, Olgiato e Othelo. 1 vol. 900
Canticos funebres. 1 vol. 900
A Confederação dos tamoyos. 1 vol. 900
Poesias avulsas. 1 vol. 900

Julio de Castilho

D. Ignez de Castro, drama em 5 actos, em verso. 1 vol. 600

Cunha Vianna

Relampagos, (com um prologo), por João Penha. 1 vol. 400

Camillo Castello Branco

O Cancioneiro alegre. 1 vol. . . 1$200

Guerra Junqueiro

O Crime, (a proposito do assassinato do alferes Brito). 1 vol. 200
Victoria da França, 4 de setembro de 1870. 1 folheto. 100

Poesias e Prosas Ineditas

De Fernão Rodrigues Lobo Soropita, com uma prefação e notas por Camillo Castello Branco. 1 vol. 500

A. Gonçalves ...

Poesias. 5.ª edição, augm... com muitas poesias, incl... os Tymbiras, e todas ... tas pelo dr. J. M., pre... da biographia do auct... conego dr. J. C. Fern... Pinheiro. 2 vol. in-8.º, ediç... de luxo, com o retrato do auctor . . . . 2...

M. A. Alvares d'Azevedo

Obras poeticas, precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e de uma noticia sobre o auctor e suas obras, por Norberto de Sousa Silva. 4.ª edição, inteiramente refundida e augmentada. 3 vol. in-8.º . . . . 2$000

Casimiro J. M. d'Abreu

Obras completas, colligidas e annotadas, precedidas d'um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o auctor e seus escriptos, por J. Norberto de Sousa e Silva. Nova edição, ornada com o retrato do auctor. 1 vol. 500

Jo...

Thesouro do trovador. 1 vol. . . 600